



# Espada e Feitiçaria

CONTOS E POEMAS ÉPICOS - VOL. II

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

SELO CONEXÃO LITERATURA

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

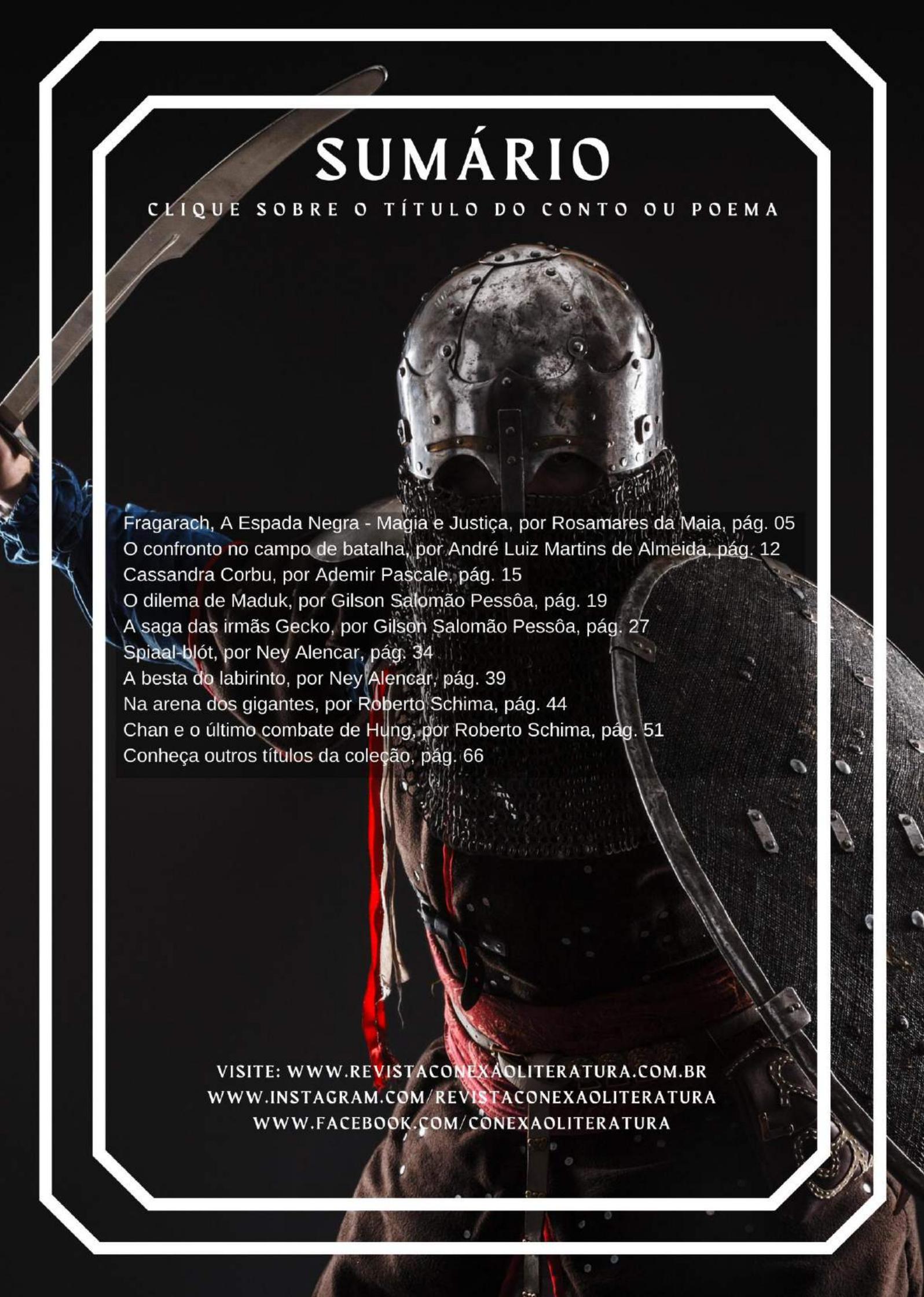
**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-48648-3**

**2022**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**



# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- Fragarach, A Espada Negra - Magia e Justiça, por Rosamares da Maia, pág. 05
- O confronto no campo de batalha, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 12
- Cassandra Corbu, por Ademir Pascale, pág. 15
- O dilema de Maduk, por Gilson Salomão Pessoa, pág. 19
- A saga das irmãs Gecko, por Gilson Salomão Pessoa, pág. 27
- Spiaal-blót, por Ney Alencar, pág. 34
- A besta do labirinto, por Ney Alencar, pág. 39
- Na arena dos gigantes, por Roberto Schima, pág. 44
- Chan e o último combate de Hung, por Roberto Schima, pág. 51
- Conheça outros títulos da coleção, pág. 66

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)





APRESENTAMOS O CONTO

# FRAGARACH A ESPADA NEGRA MAGIA E JUSTIÇA

POR ROSAMARES DA MAIA

**SOBRE A AUTORA:** escreve Contos, Crônicas, tem Poemas no Blog Lusofonia Poética, Antologias como Incertezas e Fragilidade, Ed. Scortecci / Trilha de Lótus, na Ed. Andross. Finalista do Prêmio Strix 2020. Publicou na Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores e Haicais à Brasileira / Ed. Autografia Pita Pitanga e a Abóbora Moranga. Participou e foi certificada pelas antologias da Revista Conexão de Literatura.

**N**o alto da montanha, em sua face mais secreta, de pé, altiva como é próprio das rainhas, ela esperava o raiar do dia, com seus cabelos de fogo, soprados pelo vento, esperava os primeiros raios da manhã e o momento da transformação. Em sua mão a poderosa Fragarach a espada negra retaliadora, que mesmo limpa, tinha o odor das inúmeras batalhas. Sua parte mais aguda, voltada para baixo, apoiava-se sobre a rocha e, pouco mais à frente, o imenso lobo, que seria o primeiro a receber os raios do deus sol. Todos estavam posicionados dentro do Círculo Sagrado de pedras, cumprindo o ritual dos milênios — reverenciar a firmeza da rocha indestrutível, a energia cósmica do sol, as revelações da vista ao amanhecer e a força da espada por justiça.

Quando os primeiros raios do sol atingiram o lobo negro, uma fantástica claridade revelou o príncipe proscrito dos magos em todo o seu esplendor, em suas mãos, um pequeno frasco continha a poderosa porção subtraída dos espíritos de muitos guerreiros por milênios. Schllain, voltou- para Eudoron, reverenciando o seu sangue real, segurou suas mãos e esfregou sobre elas uma única gota recitando o mantra – *para que a força de Fragarach, sua espada, jamais se perca das suas mãos*, em seguida depositou uma gota sobre a sua testa – *para que a sua inteligência comande as estratégias de batalha e abra a sua ampla visão*, e finalmente sobre o seu coração – *para que não lhe falte a fé e a coragem e que nele haja sempre amor e justiça*.

Um enorme estrondo liberou uma cortina de fumaça que após se dissipar deixou visível o guerreiro em sua armadura de metal e couro, sobre a pesada malha de ferro. Era um soldado, um Rei de proporções três vezes maior que a Rainha Eudoron, um Rei guerreiro que ergueu a sua espada ainda mais poderosa, para energizá-la sob o sol e as vibrações emanadas do círculo mágico, consolidando o seu poder, força e magia.

O círculo recolheu as emanções e o feiticeiro beijou as mãos e a testa de Eldoron, agora transformada em Aikahan o guerreiro da espada negra, enquanto Schllain alçava voo na forma de um magnífico falcão que circundou os céus, divisando o horizonte e voltou cativo ao braço do guerreiro, para que descessem a montanha.

Aikahan montou o Corcel, que de armadura os esperava pronto para o combate, olhou o falcão em seus profundos olhos da cor do sol, dizendo-lhe:

— Voe meu mentor e seja os meus olhos a distância, mostre-me o inimigo de meu povo no campo de batalha. Derrotaremos a todos! Voe meu amor, nos encontraremos no Reino das Terras Douradas ao anoitecer.

Além do bosque, na ravina, um exército de guerreiros esperava pelo seu comandante. Vibrando e brandindo as suas espadas, martelos e machados, prontos para a batalha que os aguardava além da margem do rio. No sangrento combate, muitos guerreiros tombaram, de ambos os lados, outros ficam mutilados, feridos com maior ou menor gravidade, todos desgastados, cansados e sofridos. Mas, como o sucedido nas batalhas anteriores o exército de Aikahan pode assegurar mais esta vitória.

Haviam impingido mais uma derrota aos ambiciosos inimigos que desejavam as riquezas das Terras Douradas, a fertilidade de seus campos e abundancia de suas águas. Tantos foram os povos instrumento da vingança e da poderosa feitiçaria do Reino de Olakain, a terra dos Bruxos, Druidas e Magos. Uma vez a cada sete anos, cumpria-se a poderosa maldição, imposta pelo Rei Mhaabal e sua consorte a Rainha Cohaabar — um poderoso exército industriado por magia negra, caía sobre o reino de Eudoron (Aikahan) e Schllain para destrona-los e tomar ás suas terras. – Eles haviam infringido a regra mais severa do reino dos bruxos — haviam-se apaixonado e ignorado todas as proibições. Mhaabal e Cohaabar perderam o seu primogênito, e futuro rei para o amor de uma mortal, agora imortalizada, mas, jamais possuiria o sangue real do reino de Olakain. O reino perdeu aquele que herdara todo o poder concentrado no reino do Mundo Baixo, por ser o primogênito da sua linhagem. Não seriam perdoados, nunca!

Antes de Eldoron e Schllain nascerem, os seus destinos estavam traçados e, no reino de Olakain tudo havia-se revelado pelos Bruxos do Conselho de Mhaabal e Cohaabar, que tentaram por todas as formas impedir a consumação daqueles designíos, mandando emissários ao passado, ao presente e ao futuro dos Reis e herdeiros do Reino das Terras Douradas. Também nas Terras Douradas, uma legião de Magos e Fadas trabalhavam de forma poderosa para impedir a concurso da vingança antecipada, porém, somente Befin, a esposa do Bruxo Merlin, a poderosa Dama do Lago, por estar grávida, conseguiu ir até o futuro e encontrar Schllain, e trazer um feitiço poderoso para colocar no sétimo filho dos Reis das Terras Douradas. Uma marca, dois símbolos que seriam colocados em seu corpo, sobre as costas e sobre o coração de Eldoron. Estas marcas não permitiriam que ela fosse morta como foram os outros seis filhos dos soberanos das Terras

Douradas, que não chegavam aos dois anos de idade. Depois da sétima gravidez, estava profetizado que a rainha não engravidaria mais, o Reino capitularia sob o feitiço e a vingança do Mundo Baixo. Eudoron nasceu com as marcas do pentagrama sob o lado direito das suas costas e sobre o seu coração havia a insígnia de um reino híbrido que comandaria também, as Terra dos Bruxos no Mundo Baixo.

O ódio de Cohaabar e Mhaabal foram tão intensos que deram ordens para que a Rainha fosse morta durante o parto, mas, graças a Befin e o Mago do Tempo elas chegaram depois do nascimento de Eldoron, a Rainha morreu, sem que eles tivessem dó nem piedade, sem que pudesse amamentar a sua pequena princesa. O Rei desesperado, abraçou a sua filha, entregou-a a Befin, para que ela e Merlin a tomassem por afilhada, assim foi feito e, induzido pela bruxaria do Mundo Baixo, jogou-se da torre do castelo, tendo morte instantânea.

Desde a tenra idade Eldoron foi criada para reinar e treinada como uma guerreira, a mais valente de seu reino, destemida e habilidosa com as armas de batalha, justa e caridosa. Diversas vezes os feiticeiras e bruxas do reino de Olakain tentaram sequestrá-la e matá-la, mas não conseguiam aproximar-se dela, muito menos tocá-la, e os que chegaram mais próximos tiveram mortes horrorosas. Algumas vezes as Ninfas de Befin, jogavam um pó poderoso sobre eles, o que instantaneamente os transformava em qualquer elemento da natureza, que iam de pedras até cursos de água de um rio, que os fazia rolar e ir embora com a correnteza, para sempre.

Porém toda guarda e cuidados exercidos sobre Eldoron, não foram suficientes para evitar que certo dia, ela se perdesse na floresta, durante uma excursão de caça, obviamente, que havia do dedo dos bruxos de Olakain, e mesmo não podendo tocá-la ou matá-la com a suas mãos e/ou a sua magia, tudo fizeram para que ela ficasse perdida na floresta, encontrando o seu destino por ela mesma. E o seu destino se cumpriu como devia ser.

Em uma outra expedição de estudos, para conhecer e saber recolher os elementos da natureza para utilizar na elaboração das porções mágicas, estava o príncipe dos bruxos Schllain. Ele e Eldoron foram atraídos um para o outro dentro da floresta que se fechava sobre eles com movimentos aterradores. O Príncipe ficou paralisado com a beleza de Eldoron, ela desembainhou a sua espada, na postura de defesa para a qual havia sido treinada durante os dezessete anos da sua vida. Com um estalar de dedos o herdeiro de

Olakain fez com que a floresta se abrisse e paralisasse, com a outra mão em um pequeno gesto, retirou a espada das mãos de Eldoron, que se cravou no chão aos seus pés.

— Você terá que treinar ainda muito, minha princesa.

— Você é um Bruxo? Mais eu não entendo, não devia aproximar-se de mim.

— Eu posso minha Senhora, somente eu. Curvou-se fazendo reverencia ao sangue real à sua frente.

— Então, aqui está a minha cabeça soberana para que você a tome bruxo. Cumpra-se o meu destino!

— Antes Senhora minha, deverei tomar o vosso coração, para que nele também abrigue o meu amor, que já lhe pertence, no passado, hoje e para sempre.

Eldoron com o coração acelerado, como se um raio houvesse lhe atingido, ainda resistiu indagando ao bruxo:

— Esta é a sua estratégia Senhor príncipe do Mundo Baixo, seduzir-me e depois servir-me aos seus soberanos?

— Não Senhora de Minh 'alma, eu sou o cativo, a espero pelos séculos à fora e finalmente a encontrei.

Levantou uma de suas mãos Eldoron caiu desacordada. Foi carregada por ele para fora da floresta, ao encontro da comitiva de caça do reino Dourado, que estarrecidos pelo surgimento do Mago com a princesa nos braços, prepararam-se para ataca-lo.

— Não sejam tolos, não conseguiriam me vencer e poderiam machucar a sua princesa.

Uma das Ninfas guardiãs de Eldoron, sobre o comando de Befin, fez com que todos parassem.

— Cumpriu-se a profecia, este é o príncipe Schllain, que reinará com a nossa amada princesa, que completará em breve 18 anos, tornando-se a Rainha das Terras Douradas e do Mundo Baixo, após a concepção de um herdeiro varão, porém, muita luta virá até que tudo se cumpra.

— Deixe-a dormir meu Senhor. Melhor será que ela descanse após este encontro e acorde em seus aposentos reais. Fará muitas perguntas e teremos que responder a todas.

— Sim, digam a minha noiva que eu a visitarei no castelo.

Esta era a primeira batalha após as núpcias de Eldoron e Schllain, ambos foram alvos de diversas ações perversas do Reino do Mundo Baixo, que agora pretendia matar o casal real, porém, a magia protetora de Befin, Merlin e seus aliados para a afilhada Eldoron e o poder Schllain, não permitiam que isto acontecesse, mesmo a Rainha ainda não tendo engravidado, após os primeiros sete anos do casamento, por obra certamente, das feiticeiras grávidas de Olakain, eles venceram e estavam felizes.

À noite, vitoriosos e exaustos da batalha os Reis banharam-se e foram para o banquete preparado, em comemoração aos sete próximos anos sem as batalhas de campo, ao olhar a farta mesa Eldoron sentiu-se enjoada, apenas comeu umas poucas frutas secas e sentiu-se tonta, chamando uma de suas aias, retirou-se discretamente para os aposentos, enquanto o Rei recebia a corte e cumpria os protocolos de vitória. Tão logo conseguiu livrar-se de seus compromissos o Mago — Rei foi em busca da sua amada Rainha, que se desculpou por haver-se ausentado das comemorações, dizendo-lhe que estava indisposta, como jamais se sentira e que por certo havia adoecido.

— Não minha Senhora, exulto em alegria, pois finalmente se consolidou o que mais esperávamos.

— Como Senhor meu Rei? Não estou lhe compreendendo.

— Estais grávida! Sim! Finalmente, minha Rainha.

— Como isto é possível? Poderia eu ter resistido a toda aquela transformação e a batalha tão violenta e cruel, mesmo no corpo do Guerreiro e sob magia? Não creio meu Senhor.

— Sim, mil vezes sim! Não te esqueça que eu sou o mago e todos os segredos do passado, presente e futuro residem comigo e, graças a eles sobrevivemos e o nosso filho também.

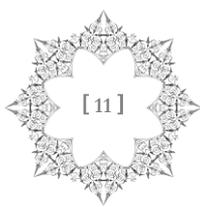
— Filho como sabes se tratar de um filho varão?

— Vós estivestes com ele o tempo todo, combatendo em todas as batalhas. O teu filho é o teu guerreiro e ele já nascia de ti no Portal Sagrado. Vinha do futuro antes de

concebe-lo, pois esta foi a única maneira de enganar os feiticeiros do Mundo Baixo, inclusive os mais poderosos deles, os meus pais e Conselho. Eldoron chorava ouvindo Schllain que beijava as suas mãos.

— Guardaremos o nosso segredo por agora, e somente após o seu nascimento, quando o Mundo Baixo amanhecer como um Mundo Intermediário, em transição para a luz do sol, apresentaremos Aikahan ao reino. Nunca mais meu amor você sofrerá as pesadas transformações e não mais combaterá em batalhas contra a feitiçaria.

— Sim meu amado, meu Rei, finalmente será um mundo próspero e feliz, unificado sobre a magia que consolidara a paz e estará sempre protegida por Fragarach agora a espada dourada da justiça.





APRESENTAMOS O POEMA

# O CONFRONTO NO CAMPO DE BATALHA

POR ANDRÉ LUIZ MARTINS DE ALMEIDA

**SOBRE O AUTOR:** André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, morou em Nova Iguaçu e outro estado, como Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros, com seu primeiro poema recebe um certificado de participação em 1987. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética - Aspirações de um Discípulo" em 2019 e o segundo "Antologia Poética - Exortações Inspiradas" pela Drago Editorial em 2020 e a antologia "Adoração Poética", um e-book pelo sistema KDP da Amazon em 2021.

Faça login e prepare-se para o confronto  
No campo de batalha, que será virtual o encontro  
Das equipes e seus oponentes, no ambiente que está pronto!

O confronto será no **“League of Legends”**, prestigie este campeonato! **(1)**  
Cada equipe se prepara com uma técnica em volta do líder nato.  
O Jogador quer se superar e deixar o rótulo de novato.

O campo de batalha é virtual e qualquer modo passatempo.  
O nível do jogador experiente depende do seu tempo,  
Para sair como vencedor, fuja do contratempo!

O confronto pode variar tanto de aspecto e característica.  
O rumo da partida e todos os elementos, se descobrem na estatística.  
O personagem se modifica, com uma nova **“pele artística ” (2)**

Dar-se-á início ao grande confronto  
Selecione o seu personagem e campeão,  
Que com poderes e armas, precisa estar pronto,  
Para entrar no campo de batalha e derrotar outro peão!

Personalize a **“Ashe”** e dê o melhor arco para a sua **“Arqueira”**,  
Se não selecionar, retire a **“Morgana”** como suporte a **“Feiticeira”**,  
Ou então, garanta à seguir a **“Karma”**, a **“Maga”** vitoriosa da fileira,  
Se precisar inovar, convoque a **“Fiora”**, melhor **“Espadachim”** e **“Guerreira”**.

Somos desafiados para utilizar todos os campeões de espadas.  
Os torcedores vibram com as lutas, fugas e escapadas.  
O confronto é no jogo, com todas as peças escaladas.

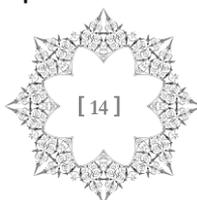
Os jogos tornaram-se intuitivos.  
Prepare-se, pois estão competitivos.  
Os **“Avatares”** são diversificados, modernos e coletivos. **(3)**

Acompanhe este embate que ganha ares épicos em cada campeonato.  
Partidas que emocionam em cada ato,  
Que nos apresenta, sempre subir de nível e padrão, é o fato!

**Nota: (1) “League of Legends”** – É um jogo de estratégia em que duas equipes de cinco poderosos Campeões se enfrentam para destruir a base uma da outra. (Riot Games).

**(2) “pele artística ” (skin)** – Personalize o jogo mudando o visual dos seus Campeões favoritos.

**(3) “Avatares”** - Com mais de 140 Campeões, você encontrará a combinação perfeita para seu estilo de jogo. Especialize-se em um estilo ou em todos.





APRESENTAMOS O CONTO

# CASSANDRA CORBU

POR ADEMIR PASCALE

**SOBRE O AUTOR:** Paulista, escritor, editor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura e colunista da Revista Projeto AutoEstima. Autor do romance "O Clube de leitura de Edgar Allan Poe", organizador de dezenas de antologias de contos e poemas, tem contos publicados no Brasil, França, Portugal e México.

Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Sul da França. Aldeia de Rennes-le-Château, em algum dia de Outono do ano de 947 d.C.

Desde criança, eu enxergava coisas que os outros não enxergavam... O que eu via? Pessoas... mas não pessoas normais de carne e osso; enxergava espectros...

**T**udo começou quando eu tinha apenas 14 anos de idade, com meu primeiro namorado; David Uriel — este era o seu nome. Nas tardes de Outono, costumávamos passear de nossas casas até os portões de uma antiga abadia. O caminho era curto, mas a prosa era longa. Não saberia dizer de onde desencadeávamos tantos assuntos. Sentia-me bem ao seu lado... sua expressão era sempre sorridente; seu espírito tinha uma força benevolente e sua fala era talhada de sabedoria e cordialidade. As minhas perguntas eram sempre supridas com elucidativas respostas, porém, em uma tarde como todas as outras, não o encontrei ao pôr-do-sol, no lugar onde sempre costumávamos nos encontrar; no final do grande jardim de Peônias de minha casa. Esperei por uma eternidade; uma longa eternidade... O desespero tomou conta do meu ser de tal maneira, que não mais enxergava os mesmos de minha espécie. Passei a vagar com meus amigos invisíveis, mas a falta de David era grande, e, o que parecia uma simples tarde de outono, se tornou em uma terrível e diabólica armação do destino, talvez proposital, pois se não fosse por tal acontecimento, jamais saberia que seria capaz de tal feito, pois nesta insana e desesperada busca, visualizei David com outra atrás da nossa costumeira abadia, onde dizem ser assombrada pelos demônios. Quando notei tal cena, ouvi os gritos dos espectros que me acompanhavam; estavam aparentemente assustados e giravam descontroladamente em círculos ao meu redor. Senti um fervor correr em minhas veias e, pela primeira vez, entrei em transe e visualizei imagens de mundos paralelos; vi seres indescritíveis e descomuns em tamanho; vi mundos habitados longe do nosso sistema solar — algo que só foi descoberto pelos estudiosos em um futuro muito distante —; vi o céu e os seus anjos salvadores, mas também vi o inferno e a sua legião de demônios alados, e, estranhamente, notei que todos - sem exceções —, estavam dentro de um gigantesco útero; o útero vivo de uma grande mãe, de um ser descomunal; de uma Deusa; de uma mãe progenitora. Aquele momento pareceu durar uma eternidade, mas quando voltei a enxergar o meu plano terrestre, notei que aquele que me jurou amor, estava na mesma e traidora posição. Meu vasto ódio desencadeou um poder de destruição, gerando a morte de toda a vegetação dos quais meus olhos poderiam alcançar.

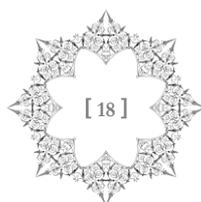
Aquele tedioso crepúsculo logo se tornou em trevas, bolas de fogo caíram do céu como pequenos cometas, e, ao se aproximarem, percebi que eram estranhos e antigos espectros em suas reluzentes armaduras adentrados em grandes e equipadas carruagens de fogo puxadas por robustos e fantasmagóricos cavalos, que, ao chegarem ao solo, saltavam de suas carruagens iniciando uma desritimada e frenética dança que, talvez em outrora, fosse um ritual para o início de uma grande batalha; enquanto que um som de tamborins - imperceptível para os ouvidos humanos —, acompanhava paralelamente aquele estranho ritual. Os trovões se mostravam impetuosos, anunciando uma grande tempestade, e, naquela noite, o caos tomou conta da pequena e pacata aldeia de Rennes-le-Château. Todos os moradores da pequena aldeia corriam, e eu continuei imóvel; molhada de tal maneira, que não se percebia se estava vestida ou simplesmente, nua. Visualizei o abade François fazendo o sinal da cruz desenfreadamente em uma das torres da antiga abadia, a qual ele mesmo intitulou de Torre Magdala. Uma matilha de cães entrou em alvoroço; corriam, escorregavam e rolavam na lama juntamente dos transeuntes que procuravam desesperadamente por um abrigo. David tentou proteger a jovem garota com sua capa, mas a força da chuva era tão aterradora, que nem as telhas conseguiam proteger suas casas.

David me viu; na chuva e imóvel. Seus grandes olhos negros penetraram os meus. A garota nada entendia, apenas puxava o assustado garoto para dentro da abadia, como se isso fosse salvá-lo da traição. Naquele momento, senti meu espírito saindo do meu corpo e do alto, notei aquelas moradias pálidas e aqueles vultos correndo em lamacentas ruas de um lado para o outro e, também pude me notar, lá embaixo, no meio daquele nefasto caos, dentro de um grande círculo de fogo, encharcada, estática, traída... percebi que o que acontecia, era algo vindo do meu interior; eu tinha desencadeado uma força que ainda não conhecia, então, notei que não era como David e sua nova garota, nem como minha mãe, meus irmãos, o abade François ou minhas amigas... eu era diferente... diferente de todos eles; diferente de todos daquela maldita aldeia... quem sabe diferente de todos deste mundo...

Dez anos se passaram, era uma mulher feita, com 24 anos de idade, cabelos longos, corpo de guerreira, olhar sério; penetrante e carregado de mistérios. Elucidativamente, tinha entendido quem realmente era — Diana; Maria Madalena;

Melusina; Perséfone; Afrodite; Hera; Astartéia; Hebe; Amaltéia; Ártemis; Íris; todas as sete Míades e Éris, a deusa da Discórdia —, todas se manifestavam como uma grande torrente nesta pequena e jovem matéria chamada Cassandra Corbu. Meus pés costumeiramente nus mantinham contato direto com a mãe terra e todos os seus filhos e seres mágicos. As dualidades entre as minhas manifestações eram irracionais, mas de uma coisa eu tinha certeza, muitas aventuras me aguardavam nesta incrível terra cheia de mistérios e povos ainda desconhecidos.

Essa foi uma das histórias da minha vida e o que virá pela frente, serão outras histórias e, se um dia você se deparar com uma mulher com o perfil que descrevi, não se esqueça, ela poderá se chamar Cassandra Corbu.





APRESENTAMOS O CONTO

# O DILEMA DE MADUK

POR GILSON SALOMÃO PESSÔA

**SOBRE O AUTOR:** Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 ([www.revistak7.com.br](http://www.revistak7.com.br)), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

**W**ilto e Maduk eram amigos desde a infância no vilarejo de Djauru, que ficava à oeste da Floresta dos Sussurros. Gostavam de ouvir as lendas populares sobre assombrações, criaturas míticas e monstros que eram vistos além dos limites das redondezas. Ouviam especialmente histórias assustadoras envolvendo a bruxa Meghadra, com seus olhos negros e dentes afiados como agulhas. Passaram boa parte de sua infância e adolescência cultivando um misto de medo e admiração por ela.

Na adolescência combinaram de visitar a cripta da mesma, localizada a sudoeste da cidade e rodeada por uma gigantesca plantação de milho, plantado estrategicamente para não atrair olhares curiosos. Na verdade, eles nem sabiam se estava realmente lá; planejavam, mas sempre acabavam adiando. Dos dois, Wilto era o mais interessado. Maduk preferia estudar mapas e ouvir relatos de aventuras distantes.

Muito tempo se passou e eles chegaram ao início da vida adulta, mas a determinação ainda não havia abandonado um deles. Numa noite de lua cheia, que brilhava tão intensamente a ponto de dispensar o uso de tochas, ele se cansou de esperar e partiu, não sem antes chamar aquele que considerava como um irmão. Maduk, muito a contragosto foi acompanhá-lo.

Caminharam por entre pés de milho que pareciam nunca terminar. Por fim chegaram em um jardim repleto de lápides e estátuas.

— Acho que no final das contas era tudo história. Vamos voltar e tomar um vinho para celebrar o fim dessa história.

— Peraí, cara, deixa eu dar só mais uma olhada ali nos fundos, só para desengargo de consciência.

— Está tarde, esse lugar é muito sinistro e eu estou cansado. Você sabe que eu só vim para te fazer companhia.

— No fundo você sabe que quer chegar ao fim desse mistério. Qualé! A gente conversou sobre isso a vida inteira e agora que a gente chegou aqui você quer ir embora? Espera só mais um pouco, o que vai te custar?

Mais uma vez ele seguiu o amigo, mesmo sabendo que aquilo era uma péssima ideia. Por fim avistaram uma pequena cerca de pedras que cercava o que parecia ser um pequeno alojamento subterrâneo, com uma escadaria que se perdia na escuridão. Enquanto um deles obviamente celebrava, o outro ponderava:

— Pois é, pena que não temos tochas para descer...

- Não é problema, a gente improvisa.
- Cara, que vontade é essa que você tem de fazer merda?
- Como assim?
- A gente já chegou, confirmou, agora vamos embora, por favor!
- Pode ir, eu vou descer.

Maduk nem estava mais com medo. Estava com raiva da teimosia do seu amigo. Wilto criou uma tocha usando a própria camisa e acendeu numa vela solitária que estava ao pé de uma estátua. Ouviram um guincho assustador assim que desceram os degraus. O local era mais vasto do que parecia e um deles parecia estranhamente hipnotizado por tudo aquilo, enquanto o outro só queria ir embora. Um corredor enorme com várias portas se apresentava diante dos dois.

- Tanto a descobrir.
- Tantos motivos para ir embora.

Abriram a primeira porta à direita. Era uma espécie de Biblioteca, com duas estantes repletas de livros e jarros cheios de líquidos de cores diversas. Também havia uma mesa de madeira com algumas cadeiras e um livro aberto. Foi então que Maduk olhou para a porta e avistou o que parecia ser um vulto preto caminhando no corredor.

Assustado, deu alguns passos para trás. Acabou esbarrando na estante e derrubando alguns jarros em sua cabeça, formando uma espécie de argamassa grudenta que se misturou com o sangue dos cortes e foi escorrendo pela sua cabeça até preenchê-la por inteiro. O jovem assustado fazia força para se desvencilhar, mas não conseguia. A gosma fechou a sua boca e ele não conseguia nem gritar. Correu desesperado pelo corredor, mas estava tão desorientado que em certo momento acabou abrindo uma porta e caiu num poço bastante profundo. Sentiu descargas elétricas percorrendo todo o seu corpo e tudo o que desejou naquele momento foi que aquele pesadelo terminasse. Foi o seu último pensamento antes de ficar inconsciente.

Acordou deitado na manhã seguinte, no alto de uma montanha, sem entender como tinha parado ali, com uma forte dor de cabeça e sentindo todo o seu corpo latejar. A pasta tinha misteriosamente saído de seu rosto, será que entrou pelos poros? Sentia muita sede. Correu em direção a um riacho que avistou perto de onde estava e enfiou a cara dentro, bebendo a água com o desespero de alguém que acabou de sair de um deserto. Era a ressaca mais estranha que ele já tivera, sem sombra de dúvidas. Depois percebeu que estava descalço, talvez tivesse perdido suas botas naquele poço imundo, do qual ele nem

sabia como saiu. Será que tinha sonhado tudo aquilo? Não, tinha sido real até demais. De repente começou a ouvir uma estranha voz em sua cabeça:

— Procure o Mestre Degarth. Ele vai te dar as respostas que você precisa.

— Mas quem é você? Não posso obedecer a alguém que nem conheço.

— Confie em Degarth.

— Mas eu nem sei onde estou.

— Você está no topo do Monte Nieval. Siga a leste do riacho. Procure pela vila Fayki. Lá te darão informações sobre Degarth.

— Não é mais fácil você me dizer onde ele está e eu ir atrás dele?

— Como farei isso se você não sabe onde está?

— Mas você sabe onde eu estou. Acabou de me falar.

— Não me contradiga, apenas obedeça!

A dor de cabeça ficou mais forte, a ponto de Maduk nem conseguir raciocinar. Como estava sem muitas opções, resolveu seguir as instruções da voz estranha. Levou a manhã inteira para descer a montanha e por fim avistou o vilarejo. Estava exausto, com fome e sede, além dos pés machucados de tanto andar. Foi acolhido pela elfa Cerien, que o avistou de longe e teve compaixão. Lhe deu comida e água, mas não tinha calçados do seu tamanho. Perguntou pelo Mestre Degarth e ela disse que ninguém sabia dele há muito tempo, pois ele vivia isolado dentro da floresta Delzai, ao norte de Fayki.

Ele agradeceu e seguiu seu caminho, confuso com aquela quantidade de nomes que teve que aprender em tão pouco espaço de tempo. Sua vida era tão simples até ontem, quando ela tinha se tornado tão confusa? Tudo por causa de Wilto e suas obsessões idiotas. O pior é que ele nem sabia onde o seu amigo estava para poder xingá-lo.

Andou por uma trilha dentro da floresta até avistar um pequeno chalé ao lado de uma lagoa. Estava cansado e com os pés todos esfolados quando se apoiou numa árvore e ouviu:

— Se tivesse demorado mais um minuto eu tinha desistido de você!

Maduk se preparou para xingar o velho, mas este o adiantou:

— Mas não precisa se desculpar. Eu entendo e te perdoo. Só deixe de preguiça, tá bom?

Sem forças para retrucar, ele caiu ajoelhado no chão de barro.

— Já disse que não precisa implorar, rapaz! Eu vou te ensinar tudo o que eu sei! Antes eu gostaria de te perguntar uma coisa: porque você entrou no poço de Byesi?

— Eu não entrei em poço nenhum, eu caí. E como você sabe disso?

Eu tenho um cristal que fica imerso numa poção que eu criei especialmente para me avisar quando isso acontecesse e a natureza do espírito. Ontem ele brilhou duas vezes: uma luz clara e outra escura, ou seja, duas pessoas entraram nesse poço ontem. Eu tive fácil acesso à sua mente, o que significa que você foi a luz clara. Eu preciso te treinar para você me ajudar a combater o que quer que tenha entrado naquele poço ontem. Eu estou bem velho, não dou mais conta sozinho.

— Como assim? Você não está dizendo coisa com coisa...

— Você entrou no poço de Byesi durante a Lua Cheia. Querendo ou não você tem poderes agora.

— Como assim poderes? Tipo poderes mágicos?

— De certa forma sim. Você está sentindo seu corpo pulsando, não é?

— Exato. Queimando por dentro, para ser mais exato. E uma forte dor de cabeça.

— Vai demorar um pouco, mas vai passar. Sua vida anterior acabou. Agora você é uma outra pessoa. Precisa ter consciência do que irá se tornar para proteger aqueles que não são como nós. Amanhã treinamos. Agora deite que sua metamorfose leva tempo.

Deitou-se numa cama improvisada por Degarth e dormiu até o dia seguinte. Levantou se sentindo estranho e com muita fome. O mestre mago lhe saudou com um bom dia e disse que uma de suas habilidades adquiridas foi o teletransporte. Foi assim que ele caiu no poço e foi parar na montanha.

— Seu inconsciente te salvou e me avisou ao mesmo tempo. — completou ele. Sou telepata, então consegui me comunicar com você.

— Eu posso fazer isso também?

— Não, isso leva anos de prática e meditação. Talvez num futuro bem distante.

— Se eu posso fazer teletransporte, porque não vim direto da montanha para cá?

— Você precisa treinar bastante até poder fazer isso. E tem que visualizar o lugar para onde quer ir.

— O que mais eu posso fazer?

— Esse é um processo de tentativa e erro. Não tem manual. Acontece diferente para cada um. Eu só consigo sentir a natureza do espírito e o seu é nobre.

A partir daquele momento os dois se tornaram grandes amigos. Maduk leu toda a biblioteca de seu mestre e testou o que podia fazer. Conseguiu melhorar seu teletransporte e alguma telecinese, mas nada muito avançado. Degarth também lhe ensinou que um ritual de passagem seria ele construir o seu próprio cajado, com um cristal na ponta onde ele concentraria grande parte da sua energia. Para isso ele teria que meditar por uma noite inteira na floresta até encontrar a madeira ideal para criá-lo. Assim ele procedeu e nas primeiras horas da manhã ele se sentiu guiado para uma determinada árvore, cortou e esculpiu com facilidade, pois era filho de marceneiro. O cristal ganhou de presente de seu mestre. Transferindo energia ele aprendeu a criar um campo de força ao seu redor, o que era bem bacana. Com essa energia concentrada ele também aprendeu a disparar rajadas de luz usando o seu cajado. O cristal também mudava de cor caso alguém ou algo perigoso se aproximasse dele. Através dos livros de seu mestre Maduk aprendeu sobre poções e feitiços, mas não memorizou nenhum, por isso teve que anotar alguns mais importantes em diversos pergaminhos e os guardou numa bolsa tiracolo de couro, que comprou na cidade com algumas moedas emprestadas por Degarth.

As constantes viagens a vila Fayki permitiram que ele ficasse cada vez mais íntimo de Cerien, chegando a ter um relacionamento amoroso com ela apesar dos avisos de seu mestre que esse envolvimento poderia colocar pessoas inocentes em risco. Maduk nunca parou de estudar e treinar, sempre apurando suas habilidades, apesar de nada extraordinário acontecer ao seu redor. O clima começou a ficar tão pacato que ele finalmente relaxou. E obviamente foi nesse momento que o problema surgiu. Um homem surgiu correndo assustado, oriundo da cidade vizinha de Pangoth. Disse que pessoas e animais estavam sendo atacados e devorados por um lobisomem.

O aprendiz de feiticeiro nem sabia que tal criatura realmente existia. Tinha lido a respeito delas na biblioteca do seu mestre, mas nunca pensou que encontraria uma de perto. Seguiu viagem a pé e levou cerca de meio dia para chegar ao local. As cercas estavam derrubadas e havia sangue espalhado pelas paredes nas casas da periferia, além de entranhas espalhadas pela rua que exalavam um fedor inacreditável. Maduk sentiu fortes náuseas e por pouco não vomitou ali mesmo. Inalou uma essência de eucalipto que tinha em sua bolsa, sentou-se numa pedra e esperou anoitecer. Tinha apenas uma lâmina de prata, mas acreditava que pelo menos conseguiria assustar a criatura o suficiente para ela não retornar.

Já estava bem escuro quando ela chegou. O feiticeiro pensou que ouviria uivos ou rugidos anunciando sua chegada, mas ela veio silenciosa. A única coisa que ele percebeu foram seus dois olhos vermelhos enormes se aproximando cada vez mais. Mais inesperado foi quando ele ouviu uma voz gutural no meio daquele breu:

— Eu esperei muito tempo para te reencontrar! Agora você vai pagar por sua covardia!

A criatura saltou sobre ele, maior do que ele tinha imaginado. Maduk foi surpreendido por aquela voz e a princípio ficou sem reação.

— Você obviamente está me confundindo, porque eu nunca abandonei ninguém. Disse ele enquanto segurava o pescoço do lobisomem com as duas mãos.

— Você me largou naquela cripta para morrer! Ela estava certa a seu respeito! Você é fraco e medroso! Seres inferiores como você não merecem respirar o mesmo ar que eu! — Dizendo isso pegou ele pelo colarinho e o atirou em direção à uma parede ali perto.

Maduk sentiu uma forte pancada nas costas e caiu sentado, mas não desmaiou. Só então percebeu que seu amigo havia se transformado naquele ser grotesco que tinha quase três metros de altura e falava babando sangue. Seu único impulso no momento foi chamar o seu cajado com a telecinese e criar um escudo de proteção. Afinal de contas, apesar de tudo seu amigo de certa forma ainda estava dentro daquela criatura. Ele tinha que pelo menos tentar...

— Escudo de força? Onde você aprendeu isso? Não importa. Hoje é a sua última noite. Você não vai segurar isso por muito tempo...

— Wilto, por favor me escute. Somos amigos de infância. Você me conhece. Sabe que eu nunca faria isso com você... — Sabia que ela sempre esteve nos observando o tempo todo? Ela te conhece melhor do que eu. Conhece todas as suas mentiras e covardias...Ela viu tudo em seu cristal...

— De quem você está falando?

— Você sabe exatamente de quem estou falando? Estou falando da...

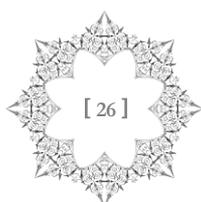
Não terminou a frase porque um dos moradores da cidade se aproveitou que ele estava distraído para atirar a lâmina de prata no seu olho, provavelmente um dos fazendeiros que tinha perdido muitos animais e fazia questão de assistir ele morrer. Deu um urro de dor, arrancou a lâmina do olho e disse para Maduk:

— Está vendo? Até esse verme tem mais coragem que você! — E dizendo isso saltou em direção ao morador.

O aprendiz de feiticeiro lançou uma rajada de luz no peito da criatura antes que ela chegasse ao chão. Aproximou-se do corpo inconsciente do lobisomem e derramou uma forte dose de sedativo em sua boca. Depois disso o arrastou para Fayki, onde Degarth o despachou para um ponto isolado no mapa.

— Me ensina a fazer isso! Disse Maduk impressionado.

— Você ainda tem muito mais coisas a aprender antes disso. Agora vamos tomar um chá. Você precisa retomar suas forças, porque pelo que você me contou, seus problemas estão apenas começando...





APRESENTAMOS O CONTO

# **A SAGA DAS IRMÃS GECKO**

POR GILSON SALOMÃO PESSÔA

**SOBRE O AUTOR:** Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 ([www.revistak7.com.br](http://www.revistak7.com.br)), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

Linsa e Shara nasceram no deserto de Honto com uma estranha singularidade. A mãe Frauke e o pai Jasper, ambos de pele morena e queimada pelo sol tiveram duas filhas gêmeas com a pele branca como giz. No pequeno vilarejo de Bertio, situado ao redor de um oásis, elas eram vistas como aberrações. A subsistência da casa era uma cola cuja receita era passada de geração para geração.

Como não tinham muitas opções de entretenimento, as garotas passavam o dia vendo a mãe preparar o líquido viscoso enquanto o pai viajava para o oeste a fim de coletar a resina que era a base daquele produto., muito vendido na região porque tinha várias utilidades. Ela vendia porque precisava do dinheiro, mas tinha nojo de seus vizinhos por conta do preconceito que suas filhas sofriam. Quando cresceram, as gêmeas começaram a se separar, sempre alternando para acompanhar o pai que já não aguentava mais aquele ritmo.

As viagens para coletar a resina da árvore Sagroya na Floresta dos Sussurros não era fácil. Eram dias marchando na areia quente usando uma máscara que cobria a boca e o nariz, além de um visor fabricado com vidro reforçado para evitar a areia nos olhos. Depois de um tempo o pai passou a ser carregado por uma esteira que era atrelada a um camelo, pois seu corpo já apresentava claros sinais de desgaste. Ocasionalmente eram assessorados pelos Vigias da Areia, uma tropa especial de guerreiros que eram escolhidos nos vilarejos e treinados para proteger o deserto, bem como seus arredores. Linsa achava eles muito arrogantes e machistas, mas entendia a importância de sua existência. Sua irmã os admirava, sempre falava que seu sonho era treinar e lutar como eles, tornar-se uma heroína e detonar geral, nas palavras dela. O excesso de roupas e proteções evitava comentários e desaforos desnecessários, pois cobria o seu corpo inteiro. Ao contrário dela, não queria agito. Gostava de ler, aprender e inventar aparelhos que aumentassem a eficiência de uma atividade. Era muito prudente, desenhava projetos e tinha vontade de um dia poder vendê-los na cidade que ficava depois do deserto.

O tempo foi passando e elas já estavam entrando na idade adulta quando de repente tudo mudou. A família estava toda reunida em casa almoçando quando a iluminação dentro da casa diminuiu drasticamente. Seria um eclipse?

Shara foi para a janela e olhou o que estava obstruindo da luz, mas ficou boquiaberta sem conseguir descrever...Nunca tinha visto um tanque tão largo e alto como uma montanha ambulante, com fumaça saindo de vários tubos laterais e traseiros.

Enquanto sua cabeça processava aquela imagem vários humanóides altos saltavam do veículo usando cordas. Eram altos, esguios, com cimitarras presas às suas costas. Soltavam guinchos assustadores com o claro propósito de intimidação.

— O que está acontecendo, minha filha? — perguntou Jasper que estava longe da janela e tinha dificuldade para se levantar.

— Eu diria que estamos sendo invadidos por alguma espécie de gangue. Respondeu ela com uma certa dificuldade em acreditar nas palavras que estavam saindo de sua boca. O primeiro impulso de Linsa foi vestir as roupas de expedição e pedir à irmã que fizesse o mesmo, pois aquilo impediria que fossem identificadas como mulheres e conseqüentemente estupradas. Levaram os pais para um depósito subterrâneo onde a cola ficava um tempo até esfriar e ser vendida. Os invasores avançavam numa velocidade inacreditável, matando e pilhando, mal dando tempo para elas esconderem os dois e vestirem as roupas.

— Preciso de uma foice, uma faca ou uma espada! — bradou Shara cerrando os dentes! Eles não sabem com quem se meteram! Ninguém toma a nossa casa assim!

— Eles sabem exatamente com quem se meteram, pára de bancar a doida suicida e vem comigo para a gente fugir no deserto por um dia ou dois até eles irem embora!

— Eles não vão embora, eles querem o Oásis, você não percebeu ainda?

— Sim, mas eles vão montar um posto avançado, no máximo.

— E os nossos pais? Você vai deixá-los aqui?

— A gente volta para resgatar depois. Enquanto a gente discute já poderíamos ter fugido e..

Linsa não conseguiu terminar a frase porque viram um dos humanóides esguios vindo na direção delas, sacudindo a sua espada e gritando. Enquanto ela ficou sem reação pelo susto, Shara rodou e arremessou um saco de couro cheio de cola. O invasor cortou o recipiente, espalhando o líquido viscoso por todo o seu corpo, especialmente nos olhos, deixando-o cego e fazendo com que ele soltasse a cimitarra para soltar a sua visão. A garota mais que depressa pegou a arma e fez menção de matá-lo.

— Não! — Gritou Linsa. — Por favor não faça isso!

— Como assim? Não estou te entendendo. Depois de tudo o que eles fizeram e estão fazendo?

— Nós não somos como eles. Se você fizer isso vai atravessar uma linha sem retorno. Vamos aproveitar e fugir. Faça só isso agora, por mim. Depois a gente conversa melhor.

Shara segurou a espada, respirou fundo, fechou os olhos e seguiu a irmã, que arrumava as provisões no camelo. O humanoíde cego ouviu tudo e gritou desafiando a garota:

— Vai fugir correndo, sua covarde? Só podia ser mulher mesmo...

A moça voltou correndo e num só golpe cortou fora uma das pernas dele, que sem equilíbrio bateu a cabeça numa parede e desmaiou.

— Minha irmã tinha razão! É muito melhor você viver sabendo o resto de sua vida que uma mulher te aleijou! Aproveitou e cortou a outra perna também, dando um sorriso de satisfação. Quando se virou Linsa olhava sério para ela.

— O quê? Eu não matei ele!

Ela só sorriu e disse:

— Sabe que ele não ouviu nada que você falou, né?

— Não importa, ele vai saber!

— Vamos embora, sua doida. Estamos atrasadas. Vamos procurar os Vigias da Areia. Mesmo que eu os deteste, não vejo outra opção para o nosso caso.

— A gente nem sabe onde eles estão.

— Então vamos para a Floresta dos Sussurros. Lá a gente pensa no próximo passo. Pegaram bastante cola, provisões e seguiram para oeste.

— Pra que você pegou esse monte de cola?— perguntou Linsa

— Toda aquela situação com o humanoíde e a cola me fez pensar...e se a gente usar isso a nosso favor?

— Como arma?

— Talvez, mais especificamente como diferencial. Imagina essas bolsas de colas inflamáveis. Imagina a loucura que seria!

— Te falei que não curto essa história de matar. Transforma a gente.

— A gente já mudou! Não somos as mesmas de hoje de manhã! Somos nós contra eles. Não tem meio termo.

Seguiram viajando preocupadas com os pais que deixaram escondidos no depósito. Em certo ponto Linsa chorou bastante, mas a máscara disfarçou as suas lágrimas. Nas

veias de Shara só corria ódio e adrenalina. Durante o percurso não avistaram nem sinal dos Vigias da Areia.

Quando acamparam na Floresta dos Sussurros, começaram a anotar aplicações práticas daquela cola para enfrentar os seus agressores. A irmã mais prudente sugeriu jogar cola nas engrenagens para travar o tanque e impedir os seus avanços, o que foi uma ótima idéia. A outra só queria saber de incendiar tudo a qualquer custo. Enfim concordaram em fazer as duas coisas, mas planejando com calma.

Aproveitaram aquele curto exílio para aperfeiçoar suas habilidades no arco e flecha. Seu pai as tinha ensinado desde cedo a caçar na floresta. Shara fez experimentos com a fórmula da cola nos seus trajes de expedição para que ela facilitasse suas escaladas em lugares íngremes, criando uma aderência que permitisse tal habilidade.

— Vamos andar pelas paredes como Geckos! É tão legal isso, né?

— Você está se divertindo com isso de uma maneira bastante preocupante. — suspirou Linsa enquanto achava uma certa graça no entusiasmo da irmã.

As tentativas foram inúmeras e os tombos também. Por fim chegaram na medida ideal de cola que as permitia subir pelas árvores com uma facilidade impressionante, aplicando nas luvas e nas botas. O segredo era andar rápido o suficiente para o líquido viscoso não ter tempo de secar. Shara manteve a sua espada e treinou o seu manuseio por dias, a contragosto de sua irmã que passou o tempo construindo ganchos, tirolesas e carretilhas.

Certa noite estavam se preparando para dormir quando ouviram um barulho vindo da escuridão da floresta. Felizmente a fogueira já estava apagada e elas subiram em árvores próximas para avistar o que estava se aproximando. Um vulto veio cambaleando e caiu nas proximidades. Elas desceram cautelosamente para verificar quem era. Linsa acendeu uma tocha e ficou surpreendida quando viu que se tratava do líder dos Vigias da Areia. Seu nome era Cyoke. Os invasores do Oásis tinham os subornado para fazer vista grossa, mas ele foi contra, junto com seu companheiro Veual, que foi morto quase instantaneamente pelos guerreiros corruptos. Ele mal conseguiu fugir e se esconder na floresta. Tinha andado por dias comendo raízes e frutas, sem armas e cansado. Linsa achou aquilo tudo muito suspeito, mas percebeu que parte desse “achismo” era preconceito. Shara achou que era válido contar a história delas e o chamou para se juntar ao bando.

— Isso tudo que vocês estão programando é muito nobre, mas não acho que tenham chance.

— Isso é porque somos mulheres?

— Mulheres em menor número. Além disso vocês não tem treinamento de batalha.

— Você não me viu lutando. — respondeu Shara. Tenho treinado nas árvores todos os dias.

— Árvores não revidam. — respondeu ele rindo.

— Por isso eu acho que temos mais chance se formos na surdina. Vocês dois cuidam dos humanoides enquanto eu planto a cola nas engrenagens e planto o pavio no combustível.

— Parece bastante suicida, mas faz sentido. Estou dentro. — disse Cyoke com a convicção de quem está caminhando para a própria morte porque não tem mais nada a perder.

Shara aprendeu algumas técnicas de combate com o novo integrante, o que foi realmente proveitoso. Após os preparativos, resolveram partir. O tempo era curto pois os pais da dupla continuavam escondidos e era questão de tempo até eles serem descobertos.

Quando voltaram para Bertio, a mesma estava cercada de humanoides fazendo rondas por todos os seus arredores. Avançaram com cuidado, rendendo um guarda por vez e mantendo o sigilo sempre. Na verdade, eles estavam um pouco relaxados, confiantes no seu arsenal e no seu considerável número de guerreiros. As garotas tinham o elemento surpresa a seu favor e elas não desperdiçaram nenhuma chance, andando por cima dos telhados das casas e muros, sempre atentas aos movimentos dos humanoides. Cyoke preparou uma gigantesca explosão no depósito de pólvora para criar uma distração. Assim que as garotas deram o sinal ele acendeu o pavio e fugiu num cavalo para ressurgir no lado oposto. Alguns humanoides o viram e foram correndo em sua direção, mas não conseguiram alcançá-lo, mesmo com as suas pernas bastante compridas.

Enquanto isso Linsa e Shara foram ganhando terreno até chegar à fortaleza ambulante, que era ainda mais imponente no escuro. Subiram as laterais utilizando a cola nos pés e chegaram à escotilha no teto. Tinha um humanoide guardando a entrada, mas acabou sendo morto pela irmã com a cimitarra que se virou para a outra e disse:

— Depois você briga comigo.

Foram descendo até a casa das máquinas, tomando cuidado para não acordar os soldados que estavam dormindo lá dentro. Chegaram na casa das máquinas e despejaram o líquido viscoso por todas as engrenagens.

— Ótimo, agora vamos armar a bomba de combustível e ir embora.

— Não me sinto bem em matar essas criaturas dormindo, parece covardia da nossa parte.

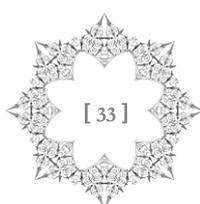
— Covardia foi o que eles fizeram conosco, nem sabemos se nossos pais estão vivos. Você iria preferir que todo mundo estivesse acordado e tentando matar a gente?

— Eu sei, ainda estou processando essa nova vida, só isso.

Estavam quase saindo quando uma das criaturas as avistou e soou o alarme. Elas subiram correndo a última escada e Shara segurou a escotilha enquanto Linsa atirou uma flecha com cola em uma das casas. Desceram abraçadas numa tirolesa enquanto os humanoides saíam da fortaleza como saúvas do formigueiro.

Cyoke, que já tinha resgatado os pais delas, atirou uma flecha incendiária no ponto que elas tinham marcado antes de entrar na fortaleza, atingindo o tanque de combustível e transformando a fortaleza numa bola de fogo que iluminou metade do deserto naquela noite.

Linsa e Shara se reuniram com os seus pais, mas tiveram que se separar novamente. Cyoke os escoltou para a floresta dos Sussurros e elas tiveram que seguir um outro caminho, pois agora estavam sendo caçadas por quem quer que estivesse controlando aqueles humanoides. A aventura das irmãs Gecko estava apenas começando...





APRESENTAMOS O CONTO

# **SPIALL-BLÓT**

POR NEY ALENCAR

**SOBRE O AUTOR:** Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 136 contos publicados em 35 e-books e em 45 antologias. Possui 03 Romances publicados.

O bárbaro olhou para a vasta planície gelada que se estendia amodorrada à sua frente.

Joon arrumou a capa de peles e começou a descida em direção às terras mais quentes e aos reinos do sul.

Durante dois dias os lobos brancos das montanhas o seguiram através da floresta.

Sua figura alta envolta em uma capa de peles brancas e cinzentas virou-se praguejando em voz baixa com a mão no cabo da espada larga, até que chegou em uma clareira.

A floresta mais parecia um colosso escuro de troncos apertados ao redor da clareira.

Então soube que não estava sozinho, havia uma fogueira ali e um vulto de homem esquentava-se nas labaredas avermelhadas que afastavam a escuridão.

Joon entrou na clareira e voltou-se para os lobos, mas estes, estranhamente não o seguiram, voltaram-se e correram para dentro da floresta.

O bárbaro tornou a olhar o vulto que levantou-se e o cumprimentou:

— Boa noite bárbaro, veio me fazer companhia nesta noite fria? — a voz era alegre e convidativa e parecia com o dialeto dos homens de Esprúcia, embora tivesse um acento diferente que nunca ouvira antes.

O estranho era alto, talvez pouco maior que o bárbaro, vestido em uma longa capa de peles mosqueada de cinzento, tinha os cabelos ruivos, quase vermelhos que refletiam as labaredas da fogueira como se estivessem pegando fogo, seus olhos eram escuros e a pupila se confundia com a íris de uma forma sinistra, não trazia armas à mostra, apenas um bordão de madeira.

Joon adiantou-se e tirou o capuz, revelando os cabelos loiros e compridos e semblante duro que já vira inúmeras batalhas, os olhos verdes faiscaram no brilho da fogueira.

— Boa noite! Gostaria de compartilhar sua fogueira.

O outro fez um aceno com a cabeça, concordando, e Joon sentou-se do lado oposto.

Compartilharam vinho e o estranho apontou para a lebre assada:

— Cabeça ou traseiro? — ofereceu o estranho.

— Cabeça! — escolheu Joon faminto.

O estranho cortou o assado no meio e puseram-se a comer.

Finda a refeição Joon tirou um pequeno cachimbo das dobras do manto e acendeu-o nas brasas, o estranho, que não revelou seu nome, propôs contarem histórias antes de dormirem, Joon concordou, assim a noite passaria mais depressa.

O estranho recostou-se em uma árvore ao lado do fogo e tirou do bolso uma pedra preta, como um seixo de rio, lisa e sem marcas.

Depois sacou uma pequena faca de uma bainha escondida e fez um corte na palma da mão, o sangue escorreu em um vermelho escuro, denso e coleante pelos dedos até cobrir a pedra, então ele murmurou numa voz solene:

— Pelo poder do sangue que alimenta esta pedra rúnica em minhas mãos eu conto esta história!

Joon não se espantou, conhecia histórias de menestréis que invocavam deuses antes de cantarem ou declamarem suas histórias, e outros que dedicavam suas palavras com sacrifícios de sangue antes de iniciarem suas narrações.

Afinal era magia poética, magia rúnica antiga, o que o estranho estava invocando e ela não pertencia ao mundo mortal!

O estranho começou a contar em uma voz sonora e grave que ecoou estranhamente pelo silêncio da floresta, sendo respondida pelo grito distante de uma coruja e pelo uivo de um lobo.

Dizem, contou o estranho, que fora deste mundo existem uma multitude de outros, como ilhas dentro do oceano das águas do tempo e do espaço, e que cada um desses mundos possui deuses diferentes, às vezes um ou outro viaja entre os mundos, para conhecer seus vizinhos e para conseguir novos crentes!

Esta história é sobre um desses deuses viajantes, que indo parar em um mundo que não era o seu não conseguiu retornar para sua terra, pois a passagem entre eles às vezes se fecha e nem mesmo os deuses podem caminhar pelo espaço vazio quando as trilhas estão fechadas!

No começo ele caminhou por aquele mundo novo, como fazia em sua própria terra, concedendo sua vontade àqueles que precisavam, não era um deus egoísta.

Caminhou durante décadas, às vezes trazendo chuva, outras vezes tempestades, às vezes lutando contra monstros terríveis e alienígenas, outras vezes esfacelando cidades e castigando os ímpios.

E as histórias sobre ele começaram a surgir, chamavam-no Rinn, o deus viajante, porque não sabiam seu nome e ele não o dizia!

Os outros deuses que habitavam aquelas terras selvagens eram ciumentos e não gostavam daquilo que ele fazia, pois muitas vezes se intrometia em seus assuntos e passava por cima de suas vontades.

Portanto acharam que era hora de lidarem com ele de uma vez por todas, para isso resolveram enviar contra ele um monstro, o mais poderoso que existia!

De todas as criaturas abomináveis que havia naquelas terras selvagens havia uma que era a pior, a mais sanguinária e malvada, seu nome era lay Tamyán...

O estranho fez uma pausa, refletiu um pouco e reconsiderou!

Bem, esse era o nome pelo qual ela se chamava, não era o nome pelo qual era adorada, nem o nome pelo qual era conhecida naquelas terras selvagens e naquela época ela era jovem, mesmo sendo tão velha como as montanhas.

Tinha a forma de um gigantesco dragão vermelho, com cornos compridos que abarcavam a abóbada do céu, e suas garras negras estavam sempre mergulhadas nas águas dos oceanos profundos enquanto seus pés entravam nas cavernas da terra como grandes pilares vermelhos. Suas asas traziam tempestades e destruição quando ela voava pelo céu.

Os deuses, pequenos e mesquinhos, foram até ela e a bajularam, contaram-lhe mentiras e açularam sua raiva contra aquele pequeno inseto estrangeiro que ousava desafiá-los.

Ela encheu-se de cólera e jurou matar e devorar aquele pretensioso deus estrangeiro que ousava contar mentiras sobre ela.

De sua caverna nas profundezas abissais dos oceanos do mundo ela veio, levantando maremotos e engolindo cidades, varreu o mundo inteiro até que encontrou o pequeno deus viajante, deitado embaixo de um carvalho, dormindo.

Parou à frente dele e o desafiou!

O pequeno deus, surpreso com a beleza imortal daquela nova criatura que estava diante dele, não queria lutar, pois apaixonara-se por ela, mas o gigantesco dragão vomitou fogo sobre ele e o atacou com suas garras negras, arrancando sangue e umedecendo a terra ao redor.

O pequeno deus jogou suas flechas de vento sobre o dragão, fazendo cessar seu hálito de fogo e fez tremer a terra sob seus pés titânicos e sua luta durou muito tempo, veio a noite e continuaram lutando, o dia nasceu e sua luta continuou até que as forças abandonaram o pequeno deus e ele caiu ferido mortalmente.

Quando o grande dragão pisou-o no pescoço ele sorriu, o dragão perguntou-lhe porque sorria e ele respondeu assim:

— Agora que vou morrer, sei que vou voltar para as terras de onde vim! Lamento porém que não a conheci antes, pois teria sido feliz ao seu lado!

O dragão compreendeu as palavras do pequeno deus e sentiu pena dele.

Quando ele morreu ela pegou seu sangue e com ele gerou um filho, que no tempo certo cresceu e tornou-se mais poderoso que o pai!

Ele também tinha a forma de dragão, como a mãe e derrotou os outros deuses mesquinhos que conspiraram contra seu pai, expulsando-os para o vazio do espaço.

Com o tempo e a idade tornou-se também um viajante, indo de terra em terra, procurando sempre o lugar de onde seu pai viera.

Dizem as histórias antigas que ele ainda procura, indo de ilha em ilha pelo oceano do tempo e do espaço, sem jamais descansar!

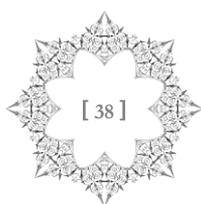
O estranho terminou sua história e ficou em silêncio.

Joon havia fechado os olhos e no silêncio que se seguiu acabou adormecendo.

Acordou de madrugada, o fogo da fogueira esmorecera e apenas as brasas crepitavam.

Procurou o estranho, mas ele já não estava ali.

Foi então que uma sombra grande cobriu a lua e quando o bárbaro olhou, assustado, viu a silhueta gigantesca de uma grande dragão vermelho que voava para o horizonte!

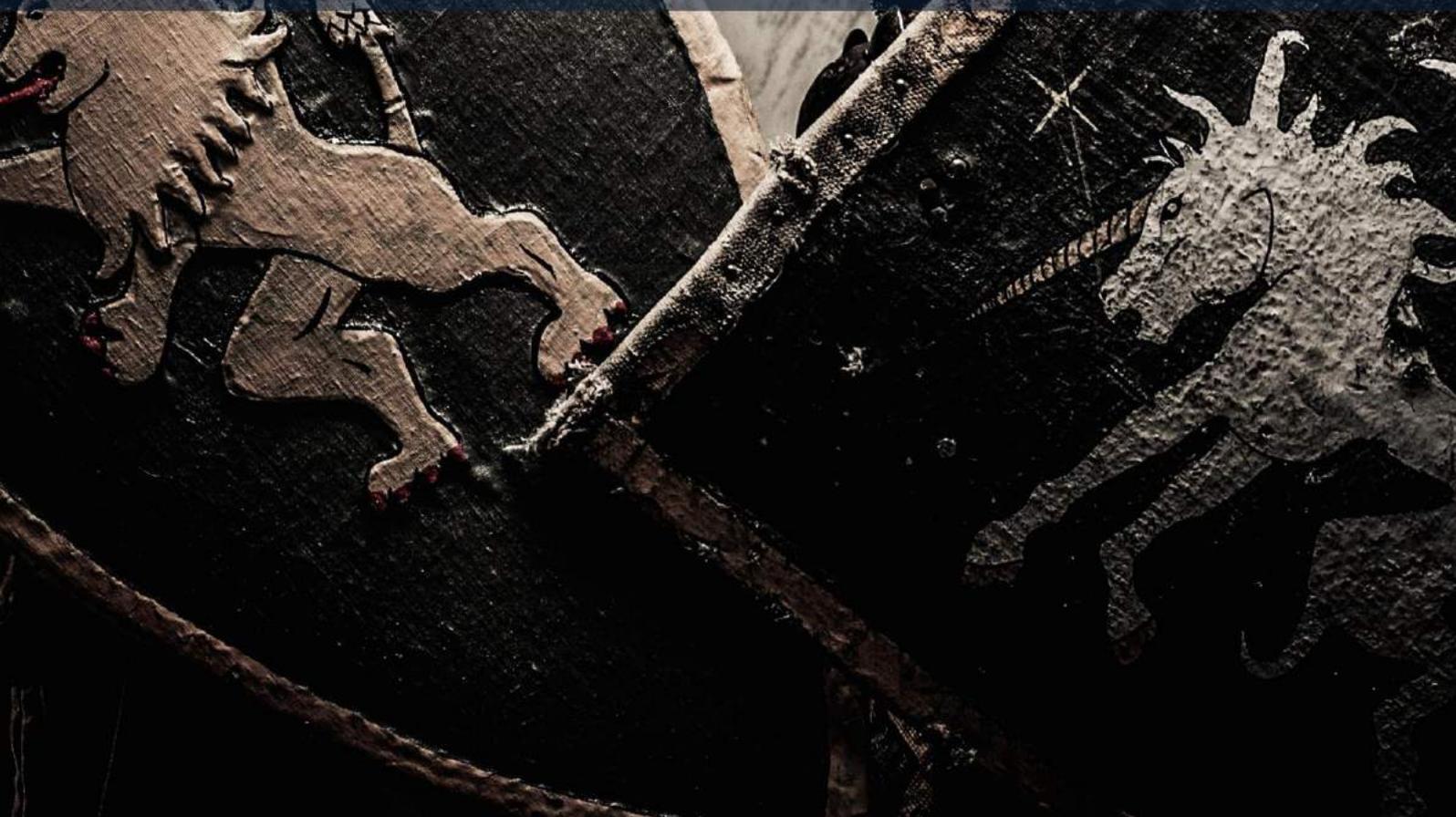




APRESENTAMOS O CONTO  
**A BESTA DO LABIRINTO**

POR NEY ALENCAR

**SOBRE O AUTOR:** Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 136 contos publicados em 35 e-books e em 45 antologias. Possui 03 Romances publicados.



**T**ochas tremeluziram sombriamente nas frestas do beco onde os ladrões faziam carnaval à noite. O barulho de cascos ecoou pela rua que descia para o ancoradouro.

O grupo de cavaleiros armados parou em frente à um enorme protão de ferro tingido pelo vermelho da ferrugem.

Um deles, maior e mais ágil que os outros, desmontou primeiro e ajeitou a capa sobre a cota de malha metálica que reluziu no luar.

Descansou a mão esquerda sobre o pomo da espada larga que trazia à cintura e aguardou enquanto os outros desmontavam e amarravam os cavalos.

Joon olhou ao redor, o fedor nauseabundo do esgoto vinha exatamente de dentro do buraco negro tampado pelo portão de ferro.

Era para lá que deveria ir!

Ao seu redor a cidade de Esprúcia ressonava em um sono agitado, a gigantesca cidade-estado, o maior dos reinos ocidentais do continente de Runa, que erguia suas muralhas ciclópicas pela vasta pradaria de Vaiioletta.

Joon, balançou a cabeça sem conseguir entender como fora parar naquele lugar fedorento.

O jovem bárbaro, um gigante de cabelos loiros e olhos verdes, alegre e elegante, era um espadachim diabolicamente traiçoeiro, afinal era o último pupilo da temível Nocan, a vermelha, a bruxa guerreira, a maior das guerreiras daquelas terras desde a Esprúcia até Rom e além.

Lembrava-se vagamente da noite anterior na taverna quando seu companheiro, o ladrão Rateen se vangloriava com uma história sobre os dentes brancos do colar que trazia ao pescoço, bebera demais certamente.

Lembrava-se de uma silhueta alta que havia se aproximado da mesa, um velho guerreiro com roupas de mercador, Ah, devia ser Haralyn Mão de Martelo, o velho que se despedira deles no início da noite, um rico guerreiro aposentado cuja filha havia sido levada pelo Espreitador da Escuridão!

Joon sorriu, uma história da carochinha certamente, nada com que fosse se preocupar, algum outro mercador rival deveria ter contratado uma trupe de assassino para levar a moça e pedir um resgato.

Remmer, outro bárbaro, com um elmo com chifres de dragão incrustados, pegou o machado e martelou o cadeado do portão com força, não foi preciso muito para quebra-lo.

Entraram os seis. Rateen foi o último!

Sua silhueta pequena já não ria nem gargalhava nem gesticulava abertamente como na noite anterior, estava sério e olhava para todos os lados com cuidado e perspicácia, estudando as sombras que os aguardavam.

Um bigode de pontas finas e bem tratadas emoldurava seu rosto magro de pele branca e macilenta, onde sobressaltavam olhos verdes e brilhantes, suas roupas eram negras assim como sua capa e capuz, até mesmo as luvas, ele se misturava imperceptível À escuridão.

Joon fez um gesto e o companheiro aproximou-se dele, caminharam juntos para dentro do túnel de pedra.

Aquela era a entrada dos esgotos labirínticos da cidade-estado, tudo o que era de sujo, fedorento e morto vinha dar ali, todo o lixo da cidade era despejado ali, até mesmo os cadáveres eram jogados ali quando os parentes não tinham dinheiro para um enterro decente, ou quando o morto não tinha parentes.

Rateen olhou preocupado para as trevas adiante, as histórias que ouvira daquele lugar eram aterradoras, diziam que oriunda de terras distantes, de um outro tempo, uma criatura sobrenatural vagava pelos esgotos da cidadela. Um ser de feiura indescritível, e os poucos relatos de suas aparições o descreviam como uma besta abominável, de forma alienígena como nunca antes se vira, nem mesmo nas canções dos bardos, de cor negra e destituída de olhos, com um comportamento grotesco e hábitos violentos, sem mencionar sua fome eterna por carne humana!

Ela caçava os habitantes da cidade acima nas noites de lua cheia e os trazia para baixo.

Ali ninguém entrava nem saía para contar o que vira!

O som de seus passos ecoavam sinistros pela escuridão adiante.

Riovald, um arqueiro e rastreador, seguia na frente com uma pedra encantada que iluminava o caminho, Orvandil, um sacerdote-guerreiro de um deus-sol esquecido, o seguia de perto junto com Remmer e atrás dele iam Joon e Rateen, fechando a fila estava Nemelio, um rapaz novo que juntara-se à pouco tempo ao grupo.

Era feiticeiro, mas conhecia poucos feitiços e ainda estava aprendendo a profissão.

Os esgotos eram largos e permitiam uma movimentação rápida, mas eram um labirinto de junções, bifurcações e encruzilhadas que muitas vezes levavam à lugar nenhum, ou às vezes conduziam à escadas que subiam para as ruas.

Caminharam por quase uma hora, Rateen trazia um mapa puído que o velho Haralyn lhes dera, ali estavam alguns dos canais principais, uma cruz vermelha indicava o local onde a moça havia sido levada e uma linha vermelha mostrava o local para onde diziam as histórias que a criatura vivia!

Passaram por alçapões e aberturas estranhas, abertos nas pedras do chão e nas paredes, como grotas ou covis de outras coisas mais velhas e mais aterradoras que a própria criatura, mas não encontraram nenhum de seus habitantes.

Era madrugada e a lua do lado de fora campeava o céu iluminando as ruas desertas, na escuridão os cinco caminhavam devagar, vez por outra ouviam um grito estranho e piados esquisitos que ecoavam agourentos, como se estivessem em uma sinistra floresta de pedra.

Um bafo nauseabundo vinha em espasmos fortes do caminho à frente, como o respirar de alguma coisa gigantesca que dormia um sono agitado por pesadelos horríveis.

Afinal alcançaram o centro daquele labirinto titânico, era uma câmara gigante, arredondada, para onde fluíam todos os esgotos e as imundícies da cidade, o centro estava inundado e a água era podre e oleosa.

Procuraram vestígios da moça, não encontraram de imediato, mas havia centena de corpos amontoados ao rés das paredes, estraçalhados e apodrecendo, semidevorados, alguns tão velhos quanto aquele lugar, outros recentes, de apenas alguns dias atrás.

Nenhum inteiro e a maioria apenas partes das ossadas.

Rateen vasculhou o local e afinal encontrou o que procurava, enterrada em uma pilha de excrementos e sujeira ele encontrou a mão branca e delicada da filha do mercador, ainda usando os anéis e o bracelete que o pai lhe presenteara.

Afinal, pensou Joon contrafeito, não havia sido um mercador rival, nem uma trupe de ladrões, devia existir mesmo alguma criatura naquele lugar fétido.

Levando consigo a mão enrolada em um pedaço de seda Rateen voltou-se para sair dali, foi então que tudo aconteceu rápido demais.

Alguma coisa agarrou e puxou Riovald para dentro da água, ele desapareceu em um segundo levando a pedra de luz e deixando-os no escuro, não fez nenhum som, sequer um grito. Nunca mais o viram.

Orvandil agarrou o machado e tentou conjurar um encantamento de luz, antes que pudesse fazê-lo algo grande abateu-se sobre ele e o silenciou para sempre.

Nesse instante Nemelio conseguiu conjurar um encanto de luz e o local explodiu com o brilho de sua magia de tal forma que Joon ficou encandeado com o brilho cegante.

Rateen, que protegera o rosto, olhou ao redor e com horror viu a criatura que já matara dois de seu grupo, era aterradora.

Grande como um urso das montanhas negras, a cabeça quase batia no teto, o que lhe dava uns quatro metros pelo menos, possuía quatro braços compridos, com unhas pretas e garras como facas, uma bocarra descia do que parecia ser o nariz da criatura e chegava até seu umbigo, monstruosa e cheia de dentes alvos e afiados, não tinha olhos.

Ensandecida a criatura urrou e foi como se o firmamento viesse abaixo com aquele grito estrondoso, por um instante Remmer ficou surdo e a criatura aproveitando-se disso jogou-se sobre ele, mordendo-lhe metade do corpo de uma só vez.

Joon, que havia circundado a criatura, pulou sobre ela agarrando-se ao pescoço de pelos imundos, o fedor repulsivo quase o fez desmaiar, mesmo assim manteve-se firme.

Rateen tirou um dardo de ponta negra de dentro das dobras do manto e armou sua arbalesta de mão, porém não conseguia mirar na criatura, que movia-se tão rápida que seus movimentos eram quase invisíveis.

Nemelio começou a entoar uma cantiga preparando-se para lançar um feitiço de raio na criatura, porém o som de sua voz serviu apenas para atrair o bicho que deu um pulo em sua direção e quase o abocanhou.

O feiticeiro caiu pra trás, perdendo o feitiço, meteu a mão em uma bolsa no cinto e tirando uma vara curta, com um movimento rápido e certo, cutucou a criatura com a ponta do artefato que soltou uma descarga elétrica muito forte, a coisa voou para trás no justo momento em que Joon puxava sua adaga e a enfiava várias vezes nas costas da criatura.

Com o empurrão a criatura imprensou Joon contra a parede fazendo-o perder o fôlego e cair ao chão, nesse instante Rateen atirou!

O dardo fatal entrou pela bocarra aberta do monstro que preparava-se para dar outro grito medonho e cravou-se no céu da boca despejando ali seu veneno! Por um instante a criatura pareceu surpresa e soltou um longo suspiro.

E a criatura abominável, que havia sobrevivido à séculos naquele labirinto infernal caiu para a frente, morta afinal!





APRESENTAMOS O CONTO  
**NA ARENA DOS GIGANTES**

POR ROBERTO SCHIMA

**SOBRE O AUTOR:** Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) pela história Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 166 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse).

**E-mail:** [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

*Eis que as ondas corroem os rochedos  
e os ventos milenares cinzelam montanhas.  
Não existe rigidez no orgulho mais sólido  
que não desmorone sob a brisa e a garoa.*

(Provérbio Elemental)

O poeirento calor do dia cedia passagem ao frescor do crepúsculo. Ainda não havia necessidade de se fazerem acender os milhares de archotes fixados em perímetros concêntricos por toda a área elíptica. Era vasta e tomada por brados, euforia, coragem, desespero, dor e morte.

A Arena dos Gigantes.

Sons de tambores foram ouvidos.

Vinte mil espectadores prenderam a respiração.

Depois, vieram as trompas numa onda crescente de excitação.

As espessas paredes ainda guardavam as cicatrizes das últimas guerras.

Quantas histórias não contariam as muralhas, as arquibancadas e as areias de sangue!

Uma multidão de todos os tamanhos, espécies, formatos, composições e procedências se acotovelavam — os que possuíam cotovelos, bem entendido — atentos ao último combate prestes por iniciar. Urraram no compasso dos tambores:

— Quebrok! Quebrok! Quebrok!...

A onda de energia percorreu o oceano de criaturas em marolas através do agitar de braços, tentáculos, asas, garras, gavinhas e pseudópodes. Era um espetáculo à parte. Inúmeras espécies do Reino de Algor fizeram-se representar. Não se tratava, contudo, de um mérito, pois revelaram da alma a sede por sangue nutrida por todos à vista dos mortos que se empilharam após cada contenda. Descarregavam através da torcida, a ira que se direcionaria ao seu vizinho nos campos de batalha, caso o monarca Algor não tivesse erguido a arena como uma maneira de canalizar e impedir o esfacelamento de seus domínios em milhares de conflitos tribais. O que significava a imolação de uma centena diante da vida de milhares?

A derradeira luta seria uma exibição à parte das competições, um bônus destinado ao divertimento das massas após uma semana de acirradas disputas e apostas na qual o vencedor fora, sem muita surpresa, o grande guerreiro e braço direito do Rei Algor:

— Quebrok! Quebrok! Quebrok!...

Sentia-se a eletricidade no ar. Não era porque algumas criaturas na multidão possuíam habilidades elétricas. Ainda que não fizesse parte do torneio, a luta teria de um lado o campeão Quebrok e, do outro, um adversário desconhecido. Mistério e curiosidade, histeria e insanidade atiçavam o populacho. Havia muito se dizia que, em meio a gentalha, o bom-senso se diluía.

Quebrok era um centauro, porém, não um centauro comum. Possuía uma constituição avantajada, superior a de qualquer outro de sua espécie. Sua musculatura sobressaía-se qual o relevo de uma paisagem rochosa. Os cabelos castanhos prosseguiam sobre seu dorso na forma de uma crina sedosa, ornada de joias. A partir do corpo intensamente bronzeado, surgia sua metade equina, de pelagem marrom. Adornos de ouro tornavam mais imponente a figura por si impressionante. Os cascos batiam ruidosamente no chão enlameado de sangue e fluídos diversos. Sagrara-se campeão após derrotar uma dezena de lutadores, os mais poderosos em seus territórios: ogros, trolls, ciclopes, minotauros, tritões e, até, os colossos de pedra do Vale do Granito Vivo. O esforço por todos os combates que travara, em vez de cansá-lo, fê-lo ansioso pelo duelo final, onde esperava não apenas proporcionar uma distração à turba, mas entreter-se também. Assim, planejava se demorar em liquidar o oponente até se fartar para, então, desferir o golpe fatal com seu tridente.

O suspense começava a impacientar a multidão.

Quebrok encarou o portão na direção oposta ao portão que atravessara.

Finalmente, em um soar final de trompas e tambores, devagar, a porta adversária se ergueu.

Quem entrou na arena fez todo mundo se calar, segurar a respiração, espremer a vista e expressar dúvida em suas carrancas. Até o calejado Quebrok esfregou os olhos.

— O quê? — falou. — Isso é uma brincadeira?

O outro combatente era um humano.

Humano!

Habitualmente considerada a mais fraca entre as espécies, o exemplar diante deles deveria ser o mais fraco humano entre os humanos. Percebia-se pelos braços e pernas esqueléticos, já que o resto se encontrava coberto por um manto ordinário. Menos um guerreiro e mais um mendigo.

Algo semelhante jamais ocorrera a Quebrok e, tampouco, na longa história da Arena dos Gigantes. A simples presença da criatura patética era um insulto àquele templo de força, orgulho e poder.

O próprio Rei Algor — um titã do mundo sombrio — se ergueu do trono, localizado em uma saliência elevada, levantou o punho de um de seus quatro braços e exigiu explicações.

Um sátiro surgiu saltitante e sussurrou alguma coisa aos ouvidos reais.

O Rei, a contragosto, assentiu e se voltou aos súditos.

— O homem clamou pela luta como seu último pedido em vida. Evocou o direito de escolha do fim, cabível a todos os habitantes do reino. Se sua última vontade é perecer esmagado por Quebrok, não serei eu, a Digníssima Real Majestade de Todo o Reino Sagrado de Algor, quem irá impedi-lo. Prossigam!

O público continuou em silêncio. Que diversão haveria naquilo? Não seria um combate, mas uma execução! Tão emocionante quanto esmagar um pernilongo ou uma pulga.

Tampouco Quebrok se sentiu satisfeito. Não havia honra, desafio ou satisfação alguma em massacrar frangotes. Carrascos gozavam de pouco prestígio entre os algoranos.

O humano, ainda de rosto encoberto pelo capuz do manto, deu alguns passos à frente.

Foi quando o centauro se deu conta de que aquele coxeava. Isso lhe causou um calafrio na memória, fazendo-o retornar no tempo a uma época em que iniciara a adolescência. Na ocasião, por algum motivo banal, escoiceara a perna de seu irmão adotivo, aleijando-o para sempre. O nome deste era Nardil e, mancando, fugira de casa floresta adentro para não mais ser avistado.

Nardil era um humano.

O capuz foi baixado. O homem fitou o centauro, precisou inclinar ao máximo a cabeça para trás. Sua voz fraca se fez ouvir perante a terra e o céu:

— Há quanto tempo, irmão.

Irmão? Um burburinho espantado esparramou-se pela multidão feito fogo em grama seca. Raros eram aqueles que conheciam o passado do centauro. Este jamais fizera questão de torná-lo público.

Os cascos de Quebrok raspam a terra. Ergueu-se sobre as patas traseiras e levantou o tridente. Era um colosso de músculos intimidadores.

— O que faz aqui, Nardil?

— Seu soberano explicou. Vim por vontade própria.

— Deseja a morte por minhas mãos?

Após um instante de silêncio, o homem falou:

— Desejo alertar a você e aos seus.

— Alertar-nos do quê?

— Em breve, todos serão derrotados.

A plateia riu e passou a lançar injúrias contra a criatura insignificante.

Quebrok balançou a cabeça.

— A vida distante de casa deixou-o louco, Nardil. Acredita sobreviver a um combate comigo?

— Creio poder vencê-lo.

A expressão boquiaberta do centauro foi seguida por um riso incontrolável. No mesmo instante, toda a plateia caiu na gargalhada, fazendo os alicerces da Arena dos Gigantes estremecer.

— Tolo!

— Idiota!

— Imbecil!

— Retardado!

O frágil Nardil se manteve impassível.

Quebrok trovejou:

— Idiota! Ridiculariza-me perante meus admiradores. Sou o maior guerreiro do reino. A todos derrotei. Não há competidor que se iguale aos meus feitos. Como pensa me derrotar, matando-me de rir?

Nardil falou:

— Nossa mãe — que os deuses a tenham sob sua proteção — foi a única pessoa que, de fato, amou-me. Sua morte rompeu o último vínculo a me manter em nossa morada. Você e o pai sempre me desprezaram. Sempre fui alvo de escárnio e espancamentos. Quebrar-me a perna foi a gota d'água. Sua força é soberba, assim como o seu vigor. Porém, se alguém mais forte não surgir, cedo ou tarde, a velhice consumirá sua carne, seus ossos e sua vontade. Você tombará feito tronco apodrecido. É poderoso, irmão, mas

ignora um detalhe: até a maior das montanhas, cedo ou tarde, reduzir-se-á a pó perante os elementos.

Foi quando o humano, cujos braços haviam permanecidos pendentes, ergueu-os lentamente.

— Os elementos são eternos. Eu sou seu instrumento.

Alguma coisa principiou a acontecer.

A tarde, que até então perdia seu calor lentamente, esfriou de repente. Do ar parado, ergueu-se um redemoinho no perímetro da arena, deixando Nardil e Quebrok em seu centro. O vento e o frio fustigaram o corpo de Quebrok, seu corpo passou a tiritar. O céu límpido se tornou nebuloso e escuro. Relâmpagos cintilaram. Trovões ribombaram nas grandes alturas.

Quebrok, amedrontado pela primeira vez na vida, gritou:

— O que é isso?

Não obstante o rugido áspero do vendaval, a voz de Nardil se fez ouvir com clareza:

— Cambaleei para além das fronteiras do reino. Tombei à beira de um rio e considerei bem-vinda a chegada da morte. Não temi, pois sabia que iria ao encontro de nossa mãe. Mas a divindade do destino tinha outro plano. De súbito, percebi a presença. Fui salvo por uma criatura tão bela quanto frágil a quem até meus braços esqueléticos pareciam poderosos. Assemelhava-se a uma borboleta translúcida, parte flor, parte brisa, parte sonho. Fundiu sua essência a minha. Ensinou-me a reverenciar os elementos, saber seus segredos, dominá-los sem nunca me tornar superior a eles, mas, no máximo, ser seu fragmento. Tornei-me um mago, um bruxo, um feiticeiro. Chame do que quiser. E, enquanto parte do eterno, fá-lo-ei curvar-se a mim.

— Nunca! — bradou o centauro. — Outro coice é o que merece!

Quebrok galopou através da curta distância que os separava, fazendo fluir seu temor na forma de fúria e violência. Ergueu o tridente sobre a cabeça, disposto a dividir o irmão em dois. Ao atingir o ponto no qual Nardil se encontrava, este desapareceu. Um milhão de imagens do mago surgiu por toda a área da arena. Inquieto, sem compreender o que se passava, o centauro golpeou e golpeou, sem nada atingir.

O vendaval aumentou sua força.

Nuvens de poeira sufocaram o gigante.

O aguaceiro desabou de nuvens ameaçadoras.

Um raio caiu sobre Quebrok e ele ardeu em chamas.

— Ar, terra, água e fogo — ouviu-se a voz do homem — são os elementais. Eles fizeram surgir o Todo e o Todo a eles retornarão.

Então, tudo terminou.

O crepúsculo retrocedeu a sua calma.

A brisa retornou feito arauto a preannunciar a noite.

O céu converteu-se em cristal, fazendo ver a primeira estrela.

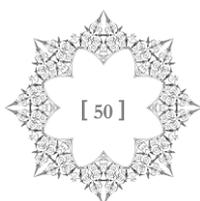
O invencível centauro Quebrok se encontrou caído bem aos pés de Nardil.

Entretanto, o Rei Algor, seus consortes, vassallos e a turba nada entenderam. Na visão de vinte mil almas, não houve redemoinho, multiplicação do humano ou relâmpagos flamejantes. O que seus olhos presenciaram foi o horror crescente nas faces do gigante e, em seguida, o desabar de seu corpo inconsciente, acompanhado por um agonizante gemido.

Quebrok, contudo, não estava morto. Ouviu as últimas palavras do irmão:

— Represento o reino longínquo dos discípulos dos elementos — sussurrou a voz de Nardil — e, em breve, invadiremos o atroz Reino de Algor. De nada adiantarão seus exércitos contra terremotos, inundações, incêndios e furacões. A era da violência, da prepotência, da vaidade e do sangue terminará. Conhecerão a humilhação, o desespero e a dor da derrota, assim como você agora sente aquilo que me fez sentir. Viva com a sua vergonha até o dia da guerra e da batalha final.

Nenhuma mão, garra, pseudópode, gavinha ou tentáculo impediu a saída do humano da imponente Arena dos Gigantes. Nenhum cronista cuidou de registrar o evento. Todavia, as testemunhas não esqueceriam. Quantos deles poderiam imaginar que, antes do findar da estação, veriam o grande anfiteatro da morte se converter em pó?





APRESENTAMOS O CONTO

# CHAN E O ÚLTIMO COMBATE DE HUNG

POR ROBERTO SCHIMA

**SOBRE O AUTOR:** Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) pela história Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 166 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). E-mail: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

*Aquela tristeza íntima e profunda  
que mina e consome.  
E, ainda, sem saciar a fome,  
dói,  
corrói  
destrói.*

(Chan, filha de Sang - o líder do Estado de Lung)

**A** plateia ao redor da arena foi levada ao delírio. Todos viram seu herói erguer o adversário como um deus a segurar o céu sobre a cabeça. A tensão era como chispas de uma rede elétrica. Então, num misto de assombro, inveja e euforia, urraram quando ele atirou o outro gigante ao chão. Poucos conseguiram permanecer em seus assentos, enquanto esmurravam o ar e gritavam o nome dele no familiar brado de vitória, pés batendo no chão:

— HUNG! HUNG! HUNG!...

O som expandia-se em ondas por todo o vale.

No Círculo de Lutas Sagrado do estado militarista de Minori, o campeão invicto em mais de cento e setenta contendidas pusera por terra mais um lutador. Enquanto os familiares do derrotado correram para prantear e levar seu corpo de volta ao seu Estado natal, Hung ergueu os braços em resposta aos milhares de admiradores, enquanto caminhava no interior do Círculo.

A turba prosseguia:

— HUNG! HUNG! HUNG!

— ÉÉÉÉÉ!!! — gritou ele, cansado, mas embevecido. — ÉÉÉÉÉ!!!

Levantou os braços musculosos em sinal de júbilo, por mais que essa atitude fosse desaprovada pelos Grandes Mestres que, silenciosos, assistiam a tudo impassíveis em seus lugares de honra na posição mais elevada da arquibancada. Embora fossem dotados de grande poder, havia muito que seus dias de glória física e destreza em combate perderam-se. Assim, a sabedoria ditava que, não obstante sua desaprovação, fosse permitido tal manifestação de orgulho e vaidade. De qualquer forma, tinham Hung na

palma da mão, já que sua irmã caçula era mantida no Templo como sacerdotisa, o que equivalia a dizer refém.

Quando, finalmente, os ânimos do público serenaram, Hung, ainda no interior do Círculo, postou-se diante dos Grandes Mestres, fisionomia impassível, apesar do ódio consumi-lo interiormente.

O Grande Mestre Li, orador do grupo, ergueu-se de sua cadeira dourada. Discos de mármore negro ornamentavam os lóbulos de suas orelhas. A barba branca descia até abaixo do peito. Os bigodes caíam-lhe ao lado dos lábios num trançado esmerado. A seu tempo, fora um campeão. Ainda sentia vibrar as cordas em seus velhos músculos diante das notas da vitória.

— Muito bem, Hung. Novamente, orgulhou o Estado de Minori com mais essa vitória. Entrementes, o Estado de Saito terá muito o que homenagear o seu valoroso representante. Como todos sabem, nosso grande campeão, Hung, terá somente mais uma luta pela frente antes de aposentar-se.

Um lamento percorreu a multidão.

— Ah, um outro guerreiro está sendo preparado. E vocês não serão privados da companhia de Hung, pois, após a próxima vitória, ele ocupará um lugar de honra ao nosso lado, entre os Grandes Mestres!

Uma nova ovação esparramou-se pela plateia:

— Mestre Hung! Mestre Hung! Mestre Hung!

Grande Mestre Li aguardou pacientemente, enquanto alisava a ponta de sua barba.

"Ah, tão maleáveis quanto um monte de argila... como sempre foram."

A turba acalmou-se.

O velho prosseguiu:

— Agora, falta somente um último oponente e este é do Estado de Lung! Onde está o líder do Estado de Lung? Aproxime-se!

Um homem magro e trêmulo, em torno de cinquenta anos, destacou-se da multidão e avançou vagarosamente. Adentrou nos limites do Círculo de Lutas Sagrado, contornando-o, pois ninguém que não fosse combater deveria pisar em seu terreno sagrado, sob pena de morte imediata. Posicionou-se na extremidade da circunferência mais próxima aos Grandes Mestres. Ele era minúsculo perto do gigantesco Hung. Fez uma reverência.

— Sou Sang, líder do Estado de Lung, Vossa Magnificência.

— Onde está o seu campeão, Sang? Sabia que deveria trazê-lo na cerimônia a fim de apresentá-lo ao público.

O homem encolheu-se todo.

— Grande Mestre Li, nós não temos campeão. De todos os Estados, somos o mais pobre e carente. Nossos recursos são escassos; meu povo, faminto. Nossos corpos são desnutridos. Trouxemos a maior parte do que produzimos como tributo. Todo o tempo é dedicado à lavoura nas terras áridas de onde procuramos extrair nosso sustento do arroz, do chá e das raízes.

Houve um burburinho de decepção por parte da plateia.

Grande Mestre Li desenrolou uma folha de papel de arroz e leu.

— E quanto a Saipei, o substituto do lutador que você perdeu no ano passado?

— Saipei morreu no mês passado de febre, Vossa Magnificência.

— Isso não é desculpa, Sang. Tampouco o tributo. Uma afronta tocar nesse assunto! O tributo é uma honra que o Estado de Minori concede aos demais em troca de nossa proteção. Sem ela, você e seu povo — todos os Estados! — estariam a mercê dos bárbaros.

— Perdão, Vossa Magnificência! Não foi minha intenção...

— Agradeça aos seus deuses por não ser punido!

— Estou grato, Vossa Magnificência. Estou grato...

Grande Mestre Li elevou seu tom de voz:

— O Estado de Lung deveria ter trazido um substituto. Essa é a ordem!

Todos os meses, todos os trinta e seis estados do reino deveriam reunir-se em Minori, na Grande Cerimônia do Círculo Dourado. Tributos eram entregues e, no decorrer da semana, além dos bazares e bordéis abertos, havia queima de fogos de artifício e declamações de poetas. Pelejas menores ocorriam antes da atração principal no último dia das festividades: lutadores de três estados enfrentariam o campeão invicto do Estado de Minori, Hung. Nos últimos cinco anos, Hung enfrentara ao todo cento e setenta e nove adversários, incluindo o lutador do Estado de Saito, recém morto. Só restava mais um combate antes de Hung despedir-se do Círculo de Lutas.

Hung sentiu o desapontamento muito mais do que toda aquela gente sedenta de sangue reunida. Ele tivera muita sorte contra o último oponente. Era jovem, forte e valoroso. Somente a maior experiência de Hung permitira-lhe vencê-lo. Mas seu corpo dizia-lhe que o seu vigor não era mais o mesmo. Era a hora de parar enquanto estava por

cima, como os Grandes Mestres lá em cima assim o fizeram. Eles são os sobreviventes, todos igualmente invictos, pois os que perderam pereceram no caminho. Hung ansiava por estar ao lado deles, não para ser um deles, mas para conseguir, finalmente, ter acesso àquele lugar na arquibancada, rigidamente guardado por uma legião de guerreiros armados. Quando lá estivesse, arrumaria um modo de libertar sua irmã e matar aqueles velhos que ousaram raptá-la.

Todavia, o último oponente não aparecera.

A multidão começava a agitar-se.

Grande Mestre Li consultou-se com os demais Grandes Mestres. Após uma breve conferência, voltou a falar.

— Sang! Ouça-me bem. Você deverá lavar a vergonha que recaiu sobre o seu Estado. Apresente-nos amanhã um campeão que represente o Estado de Lung ou você entrará no Círculo de Lutas Sagrado e enfrentará a ira de Hung.

— A-a-amanhã?! Como eu...

— Cale-se! Resolva o problema que você próprio arrumou, caso contrário, o seu Estado pagará o tributo em dobro e ficará sem o seu líder. — E voltando-se para a plateia. — Assim, nós, Grandes Mestres, decretamos que as festividades prolonguem-se por mais um dia!

Fogos de artifício explodiram no céu da tarde.

Gritos de júbilo partiram da multidão.

Mais um dia nas lojas.

Mais um dia para beber.

Mais um dia nos bordéis.

Mais um dia para apostar.

Num gesto de quem espantava moscas, o Grande Mestre Li deu por encerrada a cerimônia do dia. Seus guerreiros trataram de dispersar a multidão.

Sang era todo desespero. Não seria punido, dissera o Grande Mestre? O que poderia fazer? Como arranjaria alguém até o dia seguinte? O Estado de Lung, seu Estado, ficava a três dias de viagem! Ainda que seus cavalos tivessem asas, não havia ninguém em condições de enfrentar o monstro que continuava perto de si. E, se houvesse, como poderia novamente confrontar o dilema de enviar mais um de seu povo à morte certa?

Perdido em seus pensamentos, não percebeu a imensa sombra a cobrir a sua. Assustou-se.

Era Hung.

O homem deveria ter mais de dois metros de altura. Seus ombros eram mais largos do que a abertura de uma porta comum. Corpulento, os cabelos longos e pretos estavam originalmente presos num intrincado penteado. Agora, devido aos combates, encontravam-se em desalinho. Trazia ombreiras e braceletes de couro incrustados de ornamentos em bronze. Os nós dos dedos eram cobertos por estruturas de metal que faziam de seus socos verdadeiras marretadas. Estrutura semelhante envolviam seus joelhos. O rosto anguloso era severo, assim como aqueles olhos tão habituados a lutas e mortes.

Sang sentiu seus joelhos desfazerem-se.

Para sua surpresa, o gigante sussurrou:

— Arrume alguém por aqui. Não é preciso ser de seu Estado.

Vacilante, o homem magro respondeu desconsolado:

— Quem aceitaria caminhar para a morte certa? E como eu poderia pedir a alguém que fizesse isso, ainda que dispusesse de dinheiro para pagar?

— Se a pessoa for um bom ator e souber fingir-se de morto...

E Hung saiu finalmente do Círculo de Lutas em direção aos porões do palácio.

O líder do Estado de Lung voltou desolado para os seus familiares, amigos e concidadãos. Sua esposa, Aishi, e a filha única, Chan, foram recebê-lo, igualmente apreensivas.

Na espelunca onde alugaram um quarto para a ocasião, Sang contou aquilo que o gigante dissera. Falou baixinho, pois tanto ele quanto sua família perceberam os guerreiros que acompanharam-nos a distância.

— Eles continuam lá, Chan? — indagou Sang a sua filha.

Ela espreitava por uma fresta na parede de madeira e, não confiando na própria voz, confirmou com a cabeça. Era uma jovem nos seus dezoito anos. Seu rosto era muito bonito, porém, judiado pela desnutrição. Cabelos negros e luzidios cascadeavam por suas costas. Piscou nervosa os olhos amendoados. Apesar do pai ocupar um cargo elevado em sua comunidade, na realidade, isso servia somente para atribuir responsabilidade — e culpa — a alguém, caso as exigências do Estado de Minori não fossem obedecidas. E, de todos os momentos de dificuldades pelos quais haviam passado, esse, sem dúvida, era o pior de todos. Ela se lembrava de quando, pequena, caíra doente e seus pais desdobraram-se de cuidados para vê-la recuperada. Eles pensavam que ela não sabia, contudo, ela os vira sacrificar o próprio alimento para que ela se fortalecesse. Madrugadas

inteiras Sang passara ao lado da filha, refrescando sua testa febril com uma toalha umedecida enquanto segurava-lhe a mão para transmitir conforto. Não era correto depois de tantos anos de sacrifícios não só para eles como para todo o seu povo, continuarem a serem submetidos à exploração de uma elite militarista de parasitas como a Congregação dos Grandes Mestres e seus guerreiros, que extorquiam os outros estados sob o pretexto de uma invasão bárbara que jamais ocorrera e, na verdade, ninguém que ela conhecesse já vira um bárbaro ou ouvira falar de algum conflito contra essa gente misteriosa. Por outro lado, ela sabia quem para ela e os seus eram os verdadeiros bárbaros da história.

## PARTE II

O dia quente findou.

Sang passou a noite em claro, absorto diante de seu dilema.

Durante todo o tempo, os guardas permaneceram em seus postos a fim de impedir a fuga dele e sua família.

De manhã, Chan surgiu, trazendo chá. Prendera os cabelos em duas longas tranças que iam até a cintura.

— Conseguiu dormir? — indagou o pai.

— Perfeitamente — mentiu.

— E sua mãe?

— Não muito...

— Eu sei. Preciso falar com ambas.

E quando estavam reunidos para o dejejum, o homem de cinquenta anos falou:

— Não convidarei ninguém à morte. Enfrentarei Hung.

Ambas protestaram simultânea e veementemente.

— Morrerá! O que será de nós? — choramingou a esposa.

— Não, pai, meu paizinho! — falou Chan, olhos lacrimejantes.

Ele meneou a cabeça.

— Não há outro jeito. Se eu não o fizer, vocês e toda a nossa gente sofrerão a título de exemplo.

Aishi e Chan choraram dolorosamente diante da inutilidade de seus apelos e a fatal certeza nas palavras de Sang.

A hora do desafio aproximou-se numa lentidão de pesadelo que custava a findar.

Sang arrumou-se da melhor maneira que pôde. Se era o seu fim, esperava ao menos partir com dignidade. Sua única esperança eram as últimas palavras do gigante Hung:

*"Se a pessoa for um bom ator e souber fingir-se de morto..."*

Ah, se isso puder ser de fato verdade! Seria eternamente grato àquele bruto e trataria de sumir com sua família a fim de não prejudicar os habitantes do Estado de Lung. Lamentou muito não contar a sua esposa e filha. Seria melhor assim, pois não correriam o risco de traírem-se.

A ovação foi geral quando viram surgir o esquálido desafiante.

Tambores rufaram.

Flâmulas se agitaram.

A turba gritou em regozijo.

Fogos de artifício explodiram.

Trompas ecoaram pelas montanhas.

Todos aplaudiram, exceto os maltrapilhos concidadãos de Sang, cujos semblantes eram feitos de pesar e um luto antecipado.

Hung no alto de sua enorme estatura, assemelhava-se a uma montanha, já no interior do Círculo de Lutas Sagrado. Estava de costas para a multidão e de frente para a arquibancada onde se acomodavam os Grandes Mestres, oito metros acima. E aguardava.

Grande Mestre Li levantou-se, pedindo silêncio. Após ser atendido, falou em alto e bom som:

— Cidadãos do Estado de Minori! Cidadãos visitantes! Aqui estamos para o derradeiro combate do maior lutador visto neste local sagrado nos últimos anos: Hung!

E a plateia, bestificada, mais uma vez repetiu feito autômato:

— HUNG! HUNG! HUNG!...

E o velho continuou:

— Em face do imprevisto adiamento, conclamamos agora para o clímax e encerramento destas festividades, Sang, líder do Estado de Lung e o seu guerreiro ao qual nos será apresentado. Sang, apresente-se!

Houve um murmúrio de expectativa.

Tentando manter ereto o seu corpo desnutrido e trajando suas melhores vestes — o que não era muito — Sang deu um passo à frente e aproximou-se, sozinho, do Círculo de Lutas.

Um novo burburinho se seguiu, desta feita pincelado por interjeições de dúvida.

Onde estava o guerreiro de Lung?

Grande Mestre Li franziu o cenho e deixou cair a severidade de seus olhos sobre aquele homem.

— O que tem a dizer, Sang? Cadê o seu campeão?

Sang fez a reverência. Encheu os pulmões de ar e o coração de coragem e principiou a falar:

— Vossa Magnificência, eu, Sang, líder do Estado de Lung pretendo...

Subitamente, uma figura destacou-se da multidão junto à arena e pulou para dentro do Círculo de Lutas Sagrado.

Um coro surpreso ecoou pelo vale. Muitos da plateia levantaram-se de seus assentos.

Quem seria louco o suficiente para profanar aquele lugar sagrado?

Quem em seu juízo perfeito postar-se-ia diante de Hung, no interior do Círculo?

Quem não sabia que, pisando naquele terreno, de lá só sairia vencedor ou carregado morto?

— Eu lutarei com Hung! — berrou a voz frágil.

Gritos de espanto e expressões de dúvida estamparam-se nos milhares de rostos presentes.

Jamais alguém, em todos aqueles anos em que o torneio fora realizado, atrevera-se a tanto.

Os próprios Grandes Mestres ergueram-se de suas cadeiras douradas diante daquela ousadia.

— NÃO! — gritou Sang, mais espantado que todo mundo. E desesperadamente aflito. — NÃÃÃOOO!

Tentou avançar, todavia, foi imediatamente detido pelos guardas e suas lâminas.

Por fim, até o gigante Hung saiu de sua posição de sentido e, diante daquelas vozes, virou-se. Habitualmente impassível, arregalou os olhos, boquiaberto.

O gigante de bronze não acreditou.

Sang viu-se morrer por dentro.

A multidão gemeu.

Era Chan.

— Minha filha! — ouviu-se a voz lacrimosa de Aishi.

A mulher desmaiou em seguida.

— Como ousa? — vociferou o Grande Mestre Li. — Guardas, matem-na!

— Apresento-me legitimamente como a campeã do Estado de Lung — disse Chan o mais alto que pôde. — Mesmo um Grande Mestre não pode quebrar o regulamento. Deveria saber disso!

A multidão engoliu em seco e depois, emitiu um milhão de "Oh!" amedrontado. Nunca, em toda a história dos combates, alguém desafiara um Grande Mestre de tal

maneira. Muito menos uma pessoa com a compleição daquela jovem, um espirro de gente que poderia ser vencida por um simples espirro de Hung.

O Grande Mestre Li ruborizou de raiva. Os discos de mármore negro em suas orelhas estremeceram. Teve gana de matar aquela jovem insolente em pessoa como tantas vezes o fizera na juventude. Em vez disso, consultou-se com os outros Grandes Mestres e, em seguida, tornou a dirigir-se à moça:

— Assim seja! Qual é o seu nome?

— Chan.

— Assim seja, Chan. Você pisou em solo sagrado e dele só haverá duas possibilidades de sair. — E voltando-se à multidão: — Aqui temos Chan, a insolente representante do Estado de Lung, que fará a última peleja de nossas festividades contra o campeão máximo de Minori... Hung!... HUNG!

Ao contrário das outras vezes em que um adversário fora apresentado, não houve a euforia costumeira, o bater de pernas, o esmurrar dos ares, os clamores. Ninguém fez eco ao nome do gigante. Mesmo os funcionários do Estado de Minori esqueceram-se de acender os fogos de artifício. Caíra o silêncio de respirações suspensas, de misericórdia, sem júbilo, sem comemorações, sem apostas.

Que diabo de luta seria aquela?

Como uma garota desnutrida teria a menor chance?

E que tipo de vitória teria Hung ao tirar a vida de alguém assim?

Pois era exatamente desse jeito que Hung se sentia e os pensamentos afluíam dentro de si. Por sua irmã, não poderia deixar-se matar por aquela moça. Por sua honra, que honra haveria em massacrar tão desprotegida criatura? Por que ela tomara tal atitude? Por que o velho não fez conforme ele sugerira? A menos que estivesse tudo combinado e ela fosse se fingir de morta após o primeiro golpe. Sim, poderia ser isso! Ele bateria de leve naquele corpo que quase não passava de pele e osso. Ela far-se-ia de morta e seria levada. Hung seria novamente consagrado o grande campeão e teria a sua aposentadoria e elevação ao posto de Grande Mestre...

Hung prosseguia a remoer tais pensamentos, tendo Chan diante de si, cuja altura sequer alcançava o seu peito, quando o Grande Mestre Li tornou a falar:

— E para assegurar o resultado do combate... Guardas, vocês decapitarão imediatamente o perdedor!

— Não! — gritou Sang.

Os lábios de Chan tremeram.

Hung virou-se, chocado.

Houve, igualmente, um burburinho tímido, misto de terror e indignação.

— Preparem-se para o combate! — sentenciou o Grande Mestre Li, sentando-se.

Tambores cerimoniais foram tocados por grupos de mulheres ricamente adornadas.

Fogos de artifício pipocaram, entretanto, não havia mais o clima de empolgação que, normalmente, caracterizavam as lutas. Por mais cruéis e sádicos que certas pessoas da plateia pudessem ser, um mínimo do código de honra guerreiro impregnava suas veias. E ele dizia: não matarás mulheres e crianças.

Ao findar do dia, que honra restaria ao legendário lutador Hung?

Os tambores se aquietaram.

O silêncio caiu pesado.

Chan ergueu seus olhos.

Hung olhou para ela.

Tão frágil... tão pequena!

Fazia-o lembrar-se de sua irmã aprisionada no Templo. Se tudo estivesse saindo conforme ele planejara, homens leais a ele estariam providenciando pela liberdade dela nesse momento, enquanto todos se distraíam no torneio. Isso tinha apaziguado um pouco o seu espírito após tantas e tantas mortes nos últimos cinco anos. Mas, agora, ter de ceifar a vida dessa jovem? Não havia desafio, ética e honra alguma nisso. Jamais poderia fitar-se novamente diante de um espelho ou encarar os seus admiradores. Fora apanhado em uma nefanda armadilha. Se pretendia destruir os Grandes Mestres, ele — Hung — deveria sobreviver.

Chan permaneceu em seu lugar. Podia ouvir os lamentos de seu pai às suas costas. Tentou ignorar. Cedo ou tarde, Sang encontraria o bilhete que ela deixara entre as roupas dele.

*"Perdoe-me, pai. Vocês me deram tudo, principalmente você, naquela madrugada perdida no tempo, quando em meio à febre segurou minha mão, guiando-me das trevas à luz. Eu nunca poderia permitir que o matassem para regozijo daquela corja. Agora, é a minha oportunidade de segurar a sua mão. Caminhe para a luz, meu pai. Não chore, querida mãe. Reze por mim e eu estarei lá."*

### PARTE III

Hung deu um passo à frente.

— Por que faz isso, pequenina? — indagou o gigante.

— Lamento, Mestre Hung, se o desonro. Sou filha de Sang.

— Entendo. Minha desonra será a sua honra. Saúdo a sua coragem.

— E eu saúdo a sua pelo que será obrigado a fazer.

— Eu gostaria que houvesse outro modo.

— Eu também, Mestre Hung.

E Chan também avançou um passo.

— Comecem! — ordenou o Grande Mestre Li, impaciente.

Hung aproximou-se mais e mais de Chan.

A moça tremia como um feixe de bambu batido pelo vento, braços caídos.

— Por favor, seja rápido! — implorou.

— Serei, pequenina.

Foi um golpe esmagador contra a cabeça de Chan. O punho de bronze desceu a toda velocidade e, deu a impressão, pretendeu fazer afundar o crânio e o pescoço para dentro do corpo franzino.

A multidão gemeu como se o golpe a houvesse atingido.

A morte foi imediata.

O corpo miúdo esparramou-se aos pés do gigante.

Hung permaneceu cabisbaixo, fisionomia devastada.

Não havia honra.

Não havia glória.

Não havia vitória.

Não havia dignidade.

Milhares de pessoas permaneceram caladas.

O pai, Sang, fez menção de correr para junto da filha, mas foi detido.

— Muito bem, Hung! — gritou o Grande Mestre Li, aplaudindo. — Bem-vindo ao panteão dos Grandes Mestres de Minori. Guardas, cortem a cabeça da mulher!

Os guardas adentraram no Círculo de Lutas Sagrado.

Nesse instante, uma fúria sem precedentes tomou conta do enorme Hung. Atacou os guardas que, apesar de armados, nada puderam fazer diante da força do gigante. Era

como um elefante batendo-se contra as árvores. Braços foram quebrados; rostos, dilacerados.

A multidão, enfim, saiu de seu torpor. Ergueu-se e voltou a berrar:

— HUNG! HUNG! HUNG!...

Mais guardas vieram e foram igualmente vencidos.

Hung se dirigiu a escadaria que conduzia ao alto da arquibancada onde se encontravam os Grandes Mestres.

Os Grandes Mestres ordenaram:

— Detenham-no! Guardas!... GUARDAS!

Punhais, flechas, espadas e lanças atingiram Hung pelo caminho, porém, bravamente, ele prosseguiu o seu caminho. Atrás de si, foi deixando uma pilha de corpos que, ao menos em parte, restituíram-lhe o orgulho perdido.

Finalmente, no alto da arquibancada, arremessou os Grandes Mestres para baixo, para a morte. Deixou o Grande Mestre Li por último e, embora a vida de Hung esvaísse devido aos ferimentos, ainda encontrou forças para esmagar o crânio do velho entre as suas mãos. A seguir, ambos os corpos despencaram de lá do alto.

A multidão, enlouquecida por aquilo que presenciara, dispersou-se em meio ao caos.

Os guardas remanescentes nada puderam fazer contra a avalanche humana. Rancores represados desencadearam a revolta não somente dos habitantes do Estado de Minori, mas de outros Estados cujos representantes encontravam-se no local.

A guerra durou em torno de um mês.

Sombras negras da guerra civil pairaram sobre toda a nação.

Estados lutaram contra Estados pela supremacia.

Milhares de mortos empilharam-se sobre a terra.

Finalmente, surgiu um guerreiro-filósofo que soube unir todos os oponentes e trazer novamente a paz para o reino. Sua bandeira foi a bravura de uma pequena jovem que, contra todas as probabilidades, enfrentou um adversário de maior envergadura e, diante da morte iminente, não se deixou esmorecer. Inesperadamente, o brado que ele criou foi imitado por seus inimigos até ambos perguntarem-se por que estariam lutando:

— CHAN! CHAN! CHAN!

Sang e Aishi sobreviveram aos conflitos.

No fundo do quintal onde moravam, tinham construído um pequeno mausoléu e, lá, guardaram os restos mortais de sua única filha, Chan. Também conservaram um bracelete de couro e bronze do gigante Hung. Todos os anos, no aniversário de suas mortes, Sang e Aishi — acompanhados da jovem irmã de Hung a qual adotaram como uma segunda filha —, depositavam no local um ramalhete de flores de cerejeira e uma tigela de arroz, acendiam incenso e oravam para que os espíritos dos combatentes tivessem encontrado no etéreo a paz que fora-lhes negada em terra.

Ninguém se esqueceu do último combate do gigante Hung.

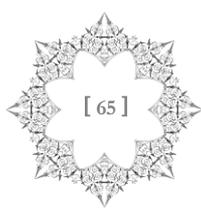
Chan foi reconhecida como heroína por todos os povos.

O nome dela foi reverenciado, cantado e admirado.

Criaram-se histórias e lendas a seu respeito.

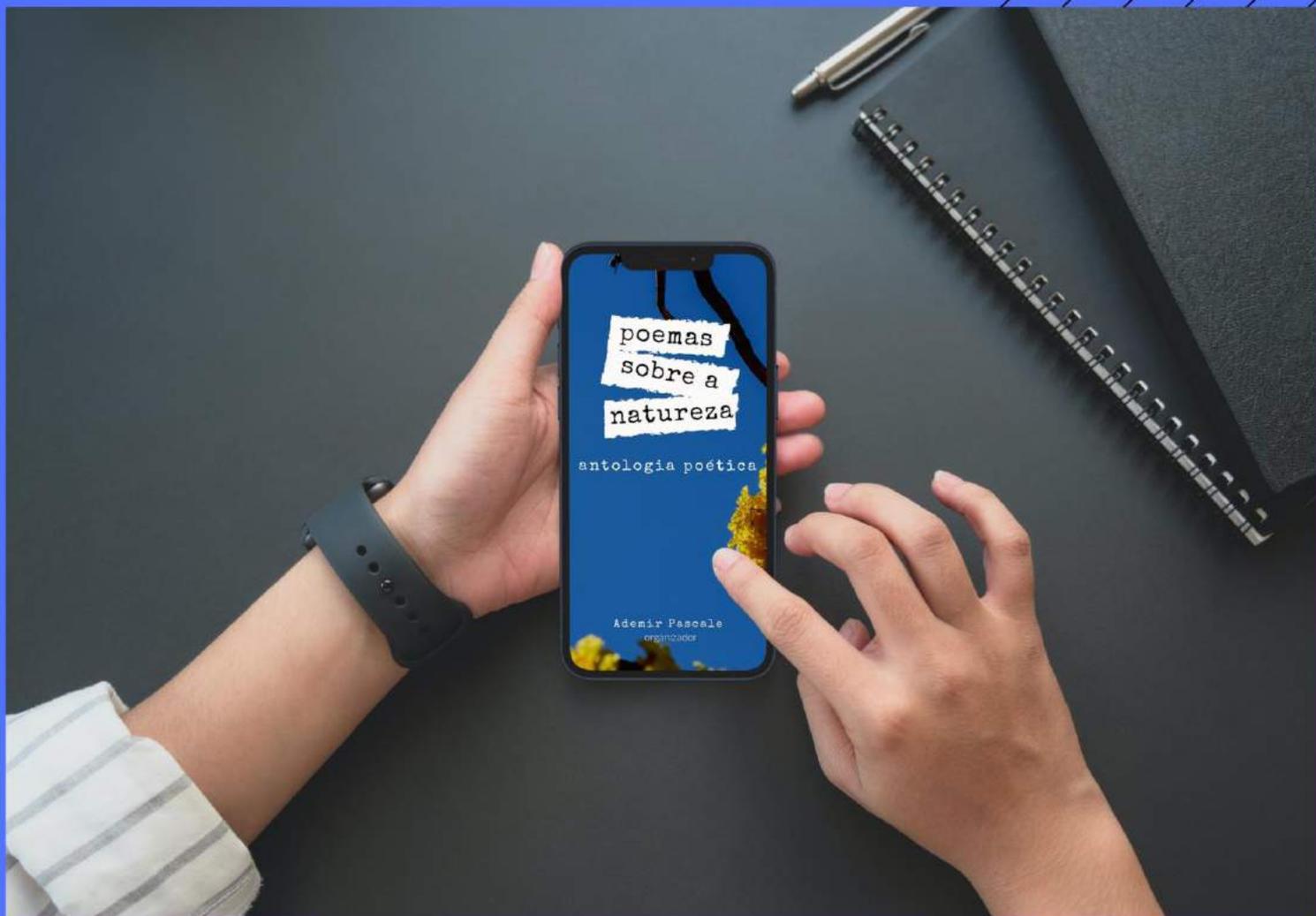
Chan, apesar da morte prematura...

... viveria para sempre.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**